

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

RICARDO SÃO JOSÉ CARNEIRO

**ANARQUISMO E IMAGINÁRIO NA PRIMEIRA
REPÚBLICA: (DES)CONSTRUINDO A
REPRESENTAÇÃO DO ANARQUISMO COMO
“PLANTA EXÓTICA”.**

MONOGRAFIA APRESENTADA PARA
A CONCLUSÃO DO CURSO DE
BACHARELADO/LICENCIATURA EM
HISTÓRIA, SOB A ORIENTAÇÃO DA
PROFESSORA DRª JACY ALVES DE
SEIXAS.

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

1.618 S, 9
101

Uberlândia, Dezembro de 1999.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COMS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Christina da Silva Roquette Lopreato

Prof^ª. Ms. Karla Adriana Martins Bessa

Prof^ª. Dr^ª. Jacy Alves de Seixas (Orientadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus tios João, Zenilda e Ambrozina por terem me adotado como filho; a Rosana pelo carinho; a Sônia pelo companheirismo; ao Marcus, Edilson e Vicente “companheiros de estrada”; a professora Christina Lopreato pela atenção e acolhimento e a professora Jacy Seixas pela orientação, incentivo e oportunidade de desenvolver pesquisa, proporcionando-me dedicação exclusiva aos estudos.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	02
1. <i>HISTÓRICO E APRESENTAÇÃO DO TEMA</i>	02
2. <i>O ANARQUISMO COMO "IDÉIA FORA DO LUGAR"</i>	06
 CAPÍTULO I -	
<i>A REPRESENTAÇÃO DO ANARQUISMO COMO "PLANTA EXÓTICA"</i>	11
1. <i>AS CLASSES DOMINANTES E A "PLANTA EXÓTICA"</i>	11
2. <i>O ANARQUISMO E A HISTORIOGRAFIA</i>	21
3. <i>O ANARQUISMO SOB A ÓTICA DOS ANARQUISTAS</i>	27
 CAPÍTULO II -	
<i>DESCONSTRUINDO O ANARQUISMO COMO "PLANTA EXÓTICA"</i>	34
1. <i>OS ANARQUISTAS SÃO "BRASILEIROS"?</i>	35
2. <i>UMA ÉPOCA COM "CORES LIBERTÁRIAS"</i>	39
3. <i>CRÍTICA AO ANARQUISMO COMO "PLANTA EXÓTICA"</i>	45
 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
- JORNAIS PESQUISADOS	62
- BIBLIOGRAFIA	63

INTRODUÇÃO

1. APRESENTAÇÃO E HISTÓRICO DO TEMA

Esta monografia é desdobramento de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida desde agosto de 1997, no âmbito do projeto do "Dicionário Histórico-Biográfico do(s) Anarquismo (s) no Brasil". Este projeto é coordenado pelas professoras. Jacy Alves de Seixas e Christina S. R. Lopreato e conta com a participação de mais cinco estudantes-pesquisadores, sendo quatro de Iniciação Científica e um de Aperfeiçoamento.

O projeto do "Dicionário ..." tem por objetivo montar um **banco de dados** e de **imagens** sobre o movimento anarquista durante a Primeira República, através do rastreamento de dados biográficos de militantes e organizações anarquistas que se mantiveram ativas nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, utilizando-se de pesquisa em fontes secundárias (bibliografia que trata do movimento operário e/ou anarquista) e fontes primárias (jornais, revistas, brochuras, charges ...).

Pesquisando o movimento anarquista em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro uma questão em particular chamou a minha atenção: trata-se da tentativa do governo, dos patrões e da grande imprensa (ao longo do meu trabalho ao me referir as esses três segmentos, utilizarei a expressão classes dominantes) em estigmatizar o movimento anarquista como "planta exótica", isto é, uma ideologia estrangeira, propagada por uma minoria de militantes também estrangeiros, num país agrário, repleto de riquezas naturais, habitado por um "povo pacato", com ressaibos de escravidão ...

Diante daquilo que preconiza a doutrina anarquista -- ação direta e resistência às formas de dominação capitalista -- e das condições históricas do Brasil, construía-se a noção de que o anarquismo é incompatível com a realidade brasileira.

As classes dominantes propagavam que, no Brasil, não haveria espaço para o conflito de classes, pois o país encontra-se num estágio de desenvolvimento industrial incipiente, sendo que as classes ainda não estão constituídas de forma plena como na Europa por exemplo. Sendo assim, não há motivos para conflitos entre patrões e operários.

Nesse sentido, em 1912, Rodrigues Alves, então Presidente do Estado de São Paulo, em mensagem dirigida ao legislativo afirma:

"Há entre nós (...) uma democracia franca e uma ausência completa de classes sociais (...) porque o trabalhador ao entrar no país encontra na lei as garantias necessárias para sua subsistência e para a compensação razoável de seu trabalho".¹

Se para tudo que precisa o trabalhador encontra, então, garantias nas leis, quem procura assegurar o seu trabalho e a sua autonomia fora dos meandros da lei é considerado um "desordeiro", "subversivo", "agitador"... . Desta forma, como o movimento anarquista procura atuar de forma radicalmente autônoma, criando um caminho alternativo para a construção das identidades sociais, isto é, um caminho que não passa pelo campo da institucionalização, é tratado na maioria das vezes como "um caso de polícia". Nesse sentido, comenta Kazumi Munakata:

"De fato, a questão social era um caso de polícia. As greves e outras manifestações operárias eram violentamente reprimidas pela polícia, provocando prisões, feridos e mortes; os sindicatos eram invadidos e fechados; as redações dos

¹MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.60.

jornais operários eram empasteladas; militantes estrangeiros eram expulsos do país pela força da lei (as leis Adolfo Gordo de 1907 e 1921)".²

Na tentativa de justificar essa repressão, as classes dominantes procuram difundir a representação do anarquismo como “planta exótica”, isto é, o anarquismo é tido como uma ideologia subversiva e revolucionária que pode possuir alguma ressonância entre o proletariado **na Europa**, em razão do grau de desenvolvimento do sistema capitalista no “Velho Mundo”, mas não no Brasil, país jovem e “promissor”. Portanto, aos olhos das classes dominantes o anarquismo é representado como estrangeiro e inadequado à realidade brasileira e à boa índole do “povo” brasileiro, representado como “dócil”, “passivo” e naturalmente “avesso” à rebelião social.

Ao fazer a análise da representação do anarquismo como “planta exótica”, procurei argumentar que muitos são os brasileiros que aderem ao movimento anarquista, não ficando o anarquismo restrito ao gueto de uma minoria estrangeira. Mas não é apenas o fato de notar a presença de brasileiros nascidos no Brasil participando das manifestações anarquistas, que me faz questionar a representação do anarquismo como “planta exótica”. Um outro aspecto também me faz questionar tal proposição: é o fato de muitos dos militantes libertários considerados “agitadores estrangeiros” alheios à sociedade brasileira, chegarem ainda crianças ao Brasil, formando assim, efetivamente, as suas concepções políticas a partir das suas experiências em solo brasileiro.

A imagem dominante do anarquismo como “planta exótica” não fica restrita ao contexto da Primeira República, visto que boa parte da historiografia que trabalha com o movimento operário e/ou anarquista também reproduz esta representação, referindo-se ao anarquismo como um movimento empreendido por um pequeno grupo de militantes

²MUNAKATA, Kazumi. *A Legislação Trabalhista no Brasil*. 2 ed. , São Paulo: Brasiliense, 1984. p.09

estrangeiros de alguma forma "deslocados" da realidade brasileira. Por isso, segundo esses autores, o anarquismo já estaria desde o princípio fadado ao "fracasso".

Identificar a representação do anarquismo como "planta exótica" nos discursos das classes dominantes e na historiografia pode ser mais fácil de ser compreendido; agora, notar essa representação, por vezes, nas falas dos próprios militantes anarquistas, pode a princípio, parecer paradoxal, visto que os anarquistas ao sofrerem acusações de serem meros "agitadores estrangeiros" contra-atacam por sua vez argumentando que são brasileiros natos ou se tornaram anarquistas aqui no Brasil.

Diante disso, perguntaria o leitor atento: "mas como os anarquistas podem ao mesmo tempo criticar e compartilhar desta representação? Primeiramente, é importante esclarecer que a "apropriação"³ feita pelos anarquistas da imagem da "planta exótica" diverge da apropriação articulada pelas classes dominantes. Mas, se essa "imagem exótica" do anarquismo esteve tão presente no imaginário social, provavelmente, temos aqui a presença do fenômeno do imaginário⁴, ou seja, essa imagem do anarquismo como "planta exótica" (neste caso uma imagem mental que se "expressa em palavras e atos") é internalizada e representada pelo inconsciente coletivo, portanto, perpassa tanto o imaginário das classes dominantes (ou frações destas classes) quanto o imaginário do proletariado militante⁵. Em outras palavras, a imagem do anarquismo como "planta exótica" na Primeira República é comum tanto às classes dominantes quanto aos próprios militantes anarquistas.

³ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. p.58

⁴ LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Estampa, 1994. p.11-30.

⁵ O proletariado militante pode ser entendido como a fração do proletariado que tem uma participação mais efetiva no movimento operário e/ou anarquista. Para uma melhor definição de proletariado militante ver: SEIXAS, Jacy, Alves. *Mémoire et oubli. Anarchisme et syndicalisme révolutionnaire au Brésil: mythe et histoire*. Paris: Maison des sciences de l'homme, 1992. p.159-168.

Grosso modo, é a partir da noção de imaginário que pretendo discutir a representação do anarquismo como "planta exótica", isto é, considerado como um pensamento político com "raízes" européias, trazido por imigrantes europeus e estranho a realidade brasileira. A problematização da "planta exótica" passa pela exposição e análise crítica de diversas falas a respeito do movimento operário e/ou anarquista no Brasil, pesquisadas em jornais, revistas, brochuras ..., publicadas no final do século XIX e início deste século; assim como pela análise das produções historiográficas sobre o tema em estudo, particularmente, o trabalho de Boris Fausto.⁶

Em síntese, objetivo dar um enfoque crítico ao movimento anarquista, mostrando outras nuances do movimento. Entretanto, não pretendo reproduzir o vício de boa parte da historiografia brasileira que, a priori, enfatiza a sua "debilidade" e o seu "fracasso". Não almejo, igualmente, apresentá-lo como um movimento que só logra vitórias. Objetivo sim, dialogar com as fontes e, deste contato, elaborar uma interpretação que não se propõe ser a verdadeira ou a definitiva, mas que pretende contribuir para desmistificar a representação do anarquismo como pensamento e/ou movimento "exótico" em relação ao Brasil dos anos de 1890-1930.

2. O ANARQUISMO COMO "IDÉIA FORA DO LUGAR"

A imagem do anarquismo como uma "planta" duplamente "exótica" consolida-se no imaginário social e historiográfico em razão da articulação de duas representações básicas: primeiramente ser considerado uma ideologia restrita a uma minoria de estrangeiros e imigrantes; segundo, porque não finca "raízes" no seio do proletariado

⁶ FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)*. São Paulo: Difel, 1976.

no Brasil, visto que as condições aqui não propiciam esse "enraizamento". Nesse sentido, a imagem do anarquismo enquanto "planta exótica" pode ser inserida numa discussão mais ampla que é a das "idéias fora do lugar"⁷.

A pecha de "idéia fora do lugar" não é atribuída exclusivamente ao anarquismo, haja vista que esta elaboração intelectual, fortemente presente no interior das Ciências Sociais no Brasil, é utilizada também para explicar as dissonâncias do liberalismo com o quadro político, econômico e cultural brasileiro, em meados do século XIX.

Roberto Schwarz ao observar que no *"Brasil as idéias estão fora de centro, em relação ao seu uso europeu"*⁸, na tentativa de analisar uma "originalidade nacional" no âmbito da literatura, recorre à explicação de que o liberalismo existe no Brasil, a partir de meados do século passado, apenas enquanto um "ornamento", um símbolo de modernidade, para deixar as elites brasileiras atualizadas com o "mundo moderno".

Segundo Schwarz *"era inevitável (...) a presença entre nós do raciocínio econômico burguês - a prioridade do lucro, com seus corolários sociais - uma vez que dominava no comércio internacional, para onde a nossa economia era voltada. (...) Além do que, havíamos feito a Independência há pouco, em nome das idéias francesas, inglesas e americanas, variadamente liberais, que assim faziam parte da nossa identidade nacional. Por outro lado, (...) esse conjunto ideológico iria chocar-se contra a escravidão e seus defensores, e o que é mais, viver com eles."*⁹ Para Schwarz mesmo as idéias liberais estando presentes no ideário das classes dominantes, estas não se "enraizam" na cultura política e econômica brasileira, em virtude das idéias liberais serem incompatíveis com o regime de escravidão e com a "ideologia do favor".

⁷ SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas*. 4ª ed., São Paulo: Duas Cidades, 1992.

⁸ Ibidem. p. 24.

⁹ Ibidem, p. 14.

Nesse sentido, o liberalismo também é "exótico" em relação ao contexto brasileiro de meados do século XIX, na medida em que o liberalismo não consegue se sobrepor ao escravismo e à "cultura do favor", e se afirmar enquanto um valor e uma ética dominante entre as elites brasileiras.

Com o anarquismo, grosso modo, pode-se dizer que se dá o mesmo, na medida que a existência do anarquismo é considerada apenas enquanto um "ornamento", um "enfeite", uma ideologia, circunscrita a uma pequena parcela dos imigrantes europeus, que não consegue se "aclimatar" plenamente à atmosfera política, econômica e cultural brasileira. Ou seja, o anarquismo não dá certo aqui por não conseguir penetração junto às classes populares, que, por sua vez, são representadas como "ignorantes", "religiosas", "passivas"...; além do que, no Brasil não há um proletariado forte como na Europa, em razão da industrialização ainda ser incipiente. Assim, o anarquismo é considerado "exótico", "deslocado", "incompatível" com o contexto histórico brasileiro. Portanto, uma "idéia fora do lugar", já que, por definição e princípio, não consegue penetrar e se afirmar entre as classes populares.

No que concerne à teoria das "idéias fora do lugar", a sua eficácia para explicar uma dada realidade é questionada pela Maria Sylvia de Carvalho Franco, em um artigo intitulado "As Idéias Estão no Lugar"¹⁰, onde a autora dialoga com Roberto Schwarz, contestando a sua tese de que as idéias liberais não conseguem se efetivar no Brasil, por imperar aqui o regime de escravidão e a prática do favor. M. S. de Carvalho Franco problematiza as relações entre metrópole e colônia, visto que a teoria das "idéias fora do lugar" está vinculada a "submissão", a "dependência" e ao "atraso" da colônia em relação à metrópole. Sendo que a metrópole é tida como o centro da produção tanto

¹⁰ FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. "As Idéias Estão no Lugar". *Cadernos de Debate*, nº01, São Paulo: Brasiliense, 1976.

material quanto ideológica, e a colônia como o receptáculo destas produções. Deste modo, a autora diz que:

"... colônia e metrópole não recobrem modos de produção essencialmente diferentes, mas são situações particulares que se determinam no processo interno de diferenciação do sistema capitalista mundial, no movimento imanente de sua constituição e reprodução. Uma e outra são desenvolvimentos particulares, partes do sistema capitalista, mas ambas, carregam em seu bojo, o conteúdo essencial - o lucro - que percorre todas as suas determinações. Assim, a produção e a circulação de idéias só podem ser concebidas como internacionalmente determinadas..."¹¹

Sendo assim, creio que a validade das idéias produzidas no contexto do capitalismo mundial, sejam elas pró-capitalistas (no caso das idéias liberais), ou sejam elas anti-capitalistas (no caso das idéias anarquistas), não se restringem apenas aos "centros mais avançados", mas elas circulam o mundo junto com o Capital e os trabalhadores. Desta forma, estariam estas "idéias" (o liberalismo e o anarquismo) "fora do lugar", visto que o capitalismo mesmo possuindo certas especificidades locais é um sistema mundial?

No que concerne à organização deste trabalho, divido-o em dois capítulos. No primeiro capítulo procuro mostrar como a apropriação do anarquismo enquanto "planta exótica", é elaborada pelas classes dominantes, pelos militantes anarquistas e pela historiografia que estuda o tema. São três apropriações distintas mas que se entrecruzam no âmbito do imaginário social.

No segundo capítulo procuro (des)construir a representação do anarquismo enquanto "planta exótica", questionando o suposto "exotismo" da filosofia política

¹¹ Ibidem. p. 62.

anarquista e dos militantes anarquistas em relação ao Brasil. Isto porque, por um lado, entendo que as idéias libertárias não estão "deslocadas" da realidade brasileira, pois, no contexto do capitalismo mundial (e o Brasil acredito está inserido neste contexto), as idéias (sejam elas pró ou contra o capitalismo) não se circunscrevem apenas aos países mais "avançados". Mas, ao contrário, elas circulam por todas as regiões inseridas neste processo. Por outro lado, no que diz respeito ao "exotismo" dos militantes anarquistas em virtude de sua "origem" estrangeira, a pesquisa biográfica realizada no âmbito do "Dicionário Histórico-Biográfico do (s) Anarquismo(s) no Brasil", revela-nos de imediato um expressivo número de militantes anarquistas que nasceram no Brasil ou que chegaram aqui ainda crianças.

Nas considerações finais chamo a atenção para a importância em se estudar o movimento anarquista também à luz de seu pensamento político, já que muitas vezes é cobrado deste movimento aquilo que ele não se propõe a realizar. Enfim, encerro esta monografia retomando a discussão do anarquismo como "planta exótica" no imaginário social, procurando tecer algumas reflexões críticas.

- CAPÍTULO I -

A REPRESENTAÇÃO DO ANARQUISMO COMO “PLANTA EXÓTICA”

A construção da representação do anarquismo enquanto "planta exótica" é paulatinamente elaborada em três diferentes campos: nos discursos das classes dominantes, ao se referirem aos movimentos questionadores do *status quo*, nas análises que os militantes libertários fazem das condições de desenvolvimento do movimento operário e/ou anarquista no Brasil e nas formulações teóricas da historiografia que trabalha com o tema.

Primeiramente, mostrarei como se construiu a representação do anarquismo enquanto "planta exótica", em cada campo separadamente; posteriormente, irei articulá-los visto que os mesmos se entrecruzam.

1. AS CLASSES DOMINANTES E A “PLANTA EXÓTICA”

Antes de abordar a construção da imagem da "planta exótica", isto é, a representação do anarquismo enquanto "idéia fora do lugar", procurei saber o significado etimológico das palavras planta e exótico, no sentido de auxiliar na compreensão desta representação. No "Dicionário Aurélio"¹², por exemplo, planta é

¹² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2 ed. rev. aum.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.742/1344.

denominada como sendo um "ser vivo do reino vegetal". Já exótico é classificado como: "adjetivo 1 - Que não é indígena; estrangeiro. Opõe-se a autóctone. 2 - Esquisito, excêntrico, esdrúxulo, extravagante: indivíduo exótico. 3 - fig. Malfeito, desajeitado." A etimologia das palavras "planta" e "exótico" conjugadas podem contribuir para a compreensão do que vem a ser a representação social da "planta exótica"; o significado aqui contido neste termo vai além da sua etimologia, assumindo uma dimensão que interfere na gestão do poder no contexto da Primeira República.

A expressão "planta exótica" para se referir ao anarquismo enquanto pensamento e prática política e aos militantes anarquistas, propagadores deste ideal, encontramos primeiramente nas falas das classes dominantes.

Quando as classes dominantes utilizam a expressão "planta exótica" para se referir ao anarquismo estão dizendo em outras palavras que o anarquismo é uma "idéia fora do lugar", isto é, que o anarquismo não se adequa à realidade brasileira. A expressão "planta exótica" pode ser entendida como uma alegoria utilizada pelas classes dominantes para excluir e minimizar as vozes daqueles que se opõem à situação vigente. Esta alegoria pode ter sido inspirada por um acontecimento que envolve o mundo natural, isto é, uma planta de clima frio transportada para o Brasil, provavelmente, teria dificuldades em se adaptar ao clima tropical daqui, o que tornaria inviável o seu cultivo em terras brasileiras. Assim é visto o anarquismo, como uma ideologia e prática social que podem se desenvolver apenas nas sociedades mais desenvolvidas industrialmente falando, visto que são essas sociedades que apresentam as condições propícias para o desencadeamento da luta de classes, e não o Brasil, segundo as elites dominantes.

Nesse sentido, o anarquismo não tem a menor chance de se adaptar ao contexto sócio-político brasileiro, em virtude do Brasil ainda ser um país essencialmente agrário,

de acordo com o discurso das classes dominantes. Mas, estaria o campo isento dos conflitos de classe?

Mesmo sendo o Brasil considerado pelas classes dominantes um país agrário, embora, o início deste século assista a um crescimento industrial importante, ainda que concentrado em determinadas regiões (Rio de Janeiro e São Paulo sobretudo). A partir do desenvolvimento do setor industrial podemos notar a intensificação dos conflitos de classes e a formação do proletariado "nacional", que irá articular o movimento de resistência ao domínio capitalista.

Em busca de braços para cultivar as lavouras de café e promover o “progresso”, o governo (sobretudo o paulista) começa a subsidiar a imigração de colonos europeus, sendo que desde de 1871 até 1920 chegam ao Brasil 3.390.000¹³ imigrantes, sendo a maioria composta de italianos (cerca de 1.373.000), logo depois vêm os portugueses, seguidos pelos os espanhóis como as etnias mais numerosas que se estabelecem no Brasil.

Essa leva de imigrantes que juntamente com os trabalhadores nascidos no Brasil articulam o movimento de resistência e combate à exploração capitalista, por meio da formação de sindicatos de resistência, ligas de bairro, círculos de estudos sociais, escolas "livres", encenação de peças de teatro de crítica social, publicação de jornais, panfletos e brochuras...; são eles que levam à efervescência o movimento social. Com esta eclosão das lutas sociais as classes dominantes passam a se sentir incomodadas com a agitação promovida sobretudo pelos militantes anarquistas, que denunciavam por meio de greves, comícios, passeatas... as péssimas condições de trabalho e moradia, os baixos salários, além da exploração e dos abusos cometidos pelos patrões, bem como pelo governo.

¹³ MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.13.

Uma mostra dos abusos cometidos pelos fazendeiros contra os colonos pode ser encontrada nas reclamações dos colonos contidas no relatório de Adolfo Rossi, enviado do governo italiano à São Paulo para averiguar a situação dos imigrantes. Dentre as várias queixas está a de Lorenzo Testa e mais alguns outros colonos, feitas ao cônsul, em julho de 1901:

*"Achamo-nos na dependência do fazendeiro P. C. Não só foram negados os nossos créditos, mas fomos ameaçados de morte à mão armada. No dia 3 do mês passado, o colono Testa dizia ao fazendeiro: 'Desde que negais o nosso haver, deixai-nos ir embora'. O fazendeiro pegou a faca e, se não se tivesse interposto o colono Pasquale Filippelli, teria atingido Testa, que se retirou limitando-se a responder: 'Cuidado com o que fazeis, senhor patrão, porque não tendes razão, e nós não falamos nada de mau.' O fazendeiro correu ao escritório, saiu armado de carabina e disparou-a contra Testa. Este refugiou-se detrás de outros colonos, que se retiravam espantados, enquanto que o fazendeiro dizia que não seria mais permitido que eles circulassem em mais de dois por vez."*¹⁴

Esse tipo de tratamento relegado aos colonos explicita a presença de uma "mentalidade" escravocrata no interior das classes dominantes, visto que se mudaram as Leis, mas não a forma de lidar com o trabalhador.

Assim, pode-se notar como alguns jornais da imprensa burguesa representam os militantes anarquistas deslegitimando suas ações em "nosso meio". Nesse sentido, é bastante expressivo o artigo publicado no jornal O Paiz, do Rio de Janeiro, na ocasião da greve na Companhia Ferroviária Paulista (1906). Este texto foi transcrito e duramente criticado pelo jornal anarquista sindicalista A Terra Livre, de São Paulo.

¹⁴ Adolfo Rossi, "Condizioni dei coloni italiani nello stato di San paolo", Bollettino dell'Emigrazione, n. 7, 1902, pp. 78-85 (BN, Roma) apud PINHEIRO, Paulo Sérgio, HALL, Michael M. *A Classe Operária no Brasil (1889-1930)*. São Paulo: Alfa Omega, 1979. p.32-39.

*"Os revolucionários estrangeiros que para aqui emigram, pregadores da revolução social, estremados que afirmam que o operariado deve desprezar os recursos legais e só confiar na subversão da sociedade, agem em contraste flagrante com o **nosso meio**, que eles desconhecem. Vêm de países superpovoados, em que a conquista dum palmo de terra é ideal inatingível, e sem exame da situação do país novo em que se acham, continuam a fazer a mesma propaganda que faziam em suas pátrias, com a mesmas alegações e os mesmos motivos, o que se explica, além de tudo, porque a verdade é que eles já não podem, e provavelmente já não sabem, fazer outra coisa. O seu verdadeiro ofício, ao cabo de algum tempo, já não é aquele com que começaram a vida: é exatamente esse de propagandista, de agitador,(...), que sonham com o levantamento em massa, no mesmo dia, de todos os operários existentes sobre a terra, para transformarem a sociedade nas bases propostas pelo espírito admirável do visionário Kropotkine. Compreendo sem dificuldades que o Estado mantenha uma vigilância atenta sobre esses homens; (...). A prova mais completa de que essa propaganda extremada, em desproporção com o **nosso meio** e sem relação com as necessidades, não encontram aqui terreno propício para medrar, está exatamente no malogro dessa greve geral, que eles agora tentam realizar, sem encontrar o apoio do operariado brasileiro".¹⁵*

O texto acima evidencia como a imprensa vinculada às classes dominantes tenta negar a existência da "questão social" no Brasil, alegando que aqui não há motivos para os conflitos de classes dos quais a Europa é palco. Ou seja, uma "idéia fora do lugar", "uma propaganda extremada, em desproporção com o **nosso meio** e sem relação com as necessidades, não encontram aqui terreno propício para medrar". Nota-se neste trecho em especial que o anarquismo é representado como uma ideologia totalmente

¹⁵ *A Terra Livre*, São Paulo, nº12 13/07/1906. Grifos meus.

imprópria ao cenário sócio-econômico brasileiro, visto que os propagadores da prática política anarquista são tidos como meros "agitadores estrangeiros" que não sabem fazer outra coisa que não seja "a propaganda subversiva". Isto em virtude do Brasil ainda não ter desenvolvido plenamente a sua indústria, possuir uma baixa densidade demográfica e dispor de riquezas abundantes para serem exploradas por gente disposta a trabalhar. Neste sentido, as classes dominantes argumentam que os anarquistas desconhecem as diferenças econômicas e sociais entre o Brasil e a Europa, visto que continuam a propagar em terras brasileiras as mesmas ideologias "subversivas" em voga no "Velho Continente", porém inadequadas ao "Novo Mundo".

Desta forma, as ações dos anarquistas estão por princípio condenadas ao "fracasso", posto que o operariado nacional é representado como sendo "avesso" às manifestações extremadas, portanto, não apoiaria a conturbação da ordem empreendida pelos "agitadores estrangeiros".

Nesse sentido, o jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro, declara: o trabalhador brasileiro, *"disciplinado e de boa índole, está sendo minado pela ação deletéria de alguns estrangeiros que desejam forçosamente promover aqui as mesmas questões sociais agora em foco nas nações européias, embora essas questões sejam positivamente impróprias. Os elementos que militam em São Paulo, criando incômodas dificuldades para o governo estadual, são os mesmos que no Rio de Janeiro vivem de fomentar greves junto à classe trabalhadora ..."*¹⁶

Esta "imagem exótica", portanto, "fora do lugar" forjada pelas classes dominantes para representar o pensamento e os militantes anarquistas pode ser atribuída ao fato destas classes trazerem consigo a idéia do proletariado ideal, isto é, *"o imigrante laborioso, inteligente, vigoroso, e que aspira à fortuna, é o desejado pelos proprietários*

¹⁶ *O Paiz*, Rio de Janeiro, 13/07/1917apud MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 62

*paulistas, como o trabalhador que completa o quadro da sociedade que aspiram construir*¹⁷. Entretanto, logo decepcionam-se com os trabalhadores imigrantes, que não correspondem à imagem do proletariado ideal, na medida que se esperava que estes trabalhadores vindos da Europa tivessem sido disciplinados pelos patrões europeus e, por conseguinte, estivessem plenamente imbuídos da moral positiva do trabalho, visto que os ex-escravos e os trabalhadores nacionais foram preteridos pelas classes dominantes, por serem considerados preguiçosos, ignorantes, indisciplinados e, portanto, inaptos para serem utilizados como mão-de-obra nas lavouras de café e na nascente indústria paulista.

Entretanto, o sonho virou pesadelo, já que os patrões europeus não haviam conseguido disciplinar a maioria dos trabalhadores imigrantes que aqui chegaram, como esperavam os promotores da imigração, pois a maioria dos imigrantes aportados no Brasil são oriundos de regiões agrárias, portanto, não tinham vivenciado nas proporções estimadas pelos agentes da imigração a experiência da disciplinização imposta pelo capitalismo moderno. Além do que os imigrantes também vêm para o Brasil acreditando que estão caminhando rumo à "terra prometida", e que aqui farão fortuna facilmente, visto que a propaganda feita pelos consulados brasileiros na Europa gera tal expectativa.

Desde os primeiros contatos dos imigrantes com o "eldorado" e das elites brasileiras com o "proletariado ideal", o sonho da epopéia começa a ser desfeito, haja visto que, para ambos, a realidade se mostra bem diferente do ideal. Por um lado, os imigrantes se deparam com muitas dificuldades, tais como: péssimas condições de trabalho e de moradia, longas jornadas de trabalho, baixos salários e uma "mentalidade"

¹⁷ SALLES, Iraci Galvão. *Trabalho, Progresso e a Sociedade Civilizada: o partido republicano paulista e a política de mão-de-obra (1870-1889)*. São Paulo: HICITEC, 1986. p.93.

ainda escravocrata na forma de lidar com os trabalhadores. Por outro lado, os patrões viam-se diante de imigrantes que resistiam e se rebelavam diante do desrespeito aos mais elementares direitos sociais e da impossibilidade de juntar o tão sonhado "pecúlio" ao qual Neno Vasco faz referência em artigo publicado na revista A Sementeira¹⁸, intitulado "o movimento anarquista no Brasil". "Os imigrantes - escreve Neno Vasco - têm, em geral, um escopo único: o amontoamento de pecúlio para regressar à pátria."¹⁹

Um exemplo das precárias condições de vida e trabalho enfrentadas pelos imigrantes pode ser atestada pelo relatório, de 1892, do cônsul italiano em São Paulo, sobre a vida dos colonos italianos no interior do estado de São Paulo. No relatório consta que:

*" O colono que vive nas fazendas geralmente se encontra em más condições higiênicas no que concerne à habitação. As casas, mesmo quando construídas com material apropriado, e não de simples tábuas, não têm as divisões e pavimentação que seriam necessárias e que tanto são elogiadas pelos agentes de imigração.(...) Não ainda livres dos métodos usados durante séculos com os negros, não dão nenhuma importância às providências educativas, higiênicas, humanitárias.(...) A causa principal da penúria freqüentemente contínua dos meios do colono é o sistema, seguido geralmente, de comprar, como se fora um tributo obrigatório, nas vendas, nos empórios de secos e molhados que geralmente são uma especulação pessoal do próprio fazendeiro, nos quais os gêneros são vendidos a preço duplo e talvez triplo do preço corrente na cidade ou no vilarejo mais próximo."*²⁰

¹⁸ VASCO, Neno. O movimento Anarquista no Brasil. Revista A Sementeira, Lisboa, nº33, maio de 1911.

¹⁹ Ibidem. p. 01.

²⁰ L. Rozwadowski, "San Paolo", in *Emigrazione e colonie: raccolta di rapporti dei rr. Agenti diplomatici e consolari*, Roma, 1893, pp. 166-168 (BN, Paris) apud PINHEIRO, Paulo Sérgio, HALL, Michael M. *A Classe Operária no Brasil (1889-1930)*. São Paulo: Alfa Omega, 1979, v.2. p.16-19.

Diante desta situação de penúria dos colonos, o cônsul italiano recomenda:

"Nunca poderei em sã consciência, dar a um só agricultor do meu país o conselho de vir ao Brasil, onde a sua chegada não é tutelada por ninguém, onde no princípio vê não cumpridas as promessas feitas, onde não tem a quem se dirigir quando, vítima de um abuso, quiser pedir justiça, onde ninguém, nem governo, nem privados, o socorre..."²¹

O texto acima descreve as dificuldades vivenciadas pelos trabalhadores imigrantes, que pode ser estendida aos trabalhadores nacionais, pois ninguém estava salvo das arbitrariedades dos patrões. Esse conjunto de adversidades enfrentadas pelos trabalhadores leva ao embate com as classes dominantes, que concebem como um ato revolucionário qualquer forma de resistência à situação vigente. Sonhos desfeitos, começam os conflitos, elites dominantes (ou frações das classes dominantes) e um número expressivo de trabalhadores imigrantes e nacionais irão travar, grosso modo, um embate entre pensamento reacionário x pensamento libertário, xenofobia x internacionalismo, patrão x proletariado, opressor x oprimido. Enfim, a luta de classes está posta, mesmo que o pensamento reacionário tente desqualificá-la.

As elites brasileiras nas primeiras décadas do século desqualificam sistematicamente a luta de classes, insistindo reiteradamente no discurso da inexistência da chamada "questão social" no Brasil, preconizando que as denúncias e lutas sociais promovidas pelos anarquistas não têm razão de ser, é uma prática política "fora do lugar", visto que no Brasil as classes ainda não estão devidamente formadas, por ser um país eminentemente agrário, onde a indústria ocupa uma posição secundária, portanto, não há aqui um proletariado já formado como existe na Europa, assim como não há também uma classe patronal no sentido estrito do termo.

²¹ Ibidem. p.16-19.

Nesse sentido, o Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, em julho de 1917, preconiza que os anarquistas estrangeiros e os intelectuais brasileiros incitam o trabalhador nacional a *"repetir coisas que, se não são muito sensíveis na Europa, são inteiramente impróprias para o Brasil. Somos uma nação agrícola para 500.000 trabalhadores em fábricas e transportes..."*²²

Nessa mesma perspectiva o jornal O Paiz, também do Rio de Janeiro, afirma, no Primeiro de Maio de 1906, que o Brasil é *"um país novo, sem predisposições, livre e orgulhoso de suas liberdades, onde ainda não existem organizações capitalistas poderosas nem uma única classe poderosa. A classe operária é auto-organizada, procura defender-se... livre e calmamente, sem a intervenção das autoridades. E grande parte da burguesia, por temperamento e doutrina, simpatiza com as suas reivindicações"*.²³

Nessa ótica, conflitos que são frutos do antagonismo social, são vistos como "caprichos" de uma minoria de "agitadores estrangeiros", que pretendem conturbar a "ordem pública". Desta forma, justifica-se a repressão e o constrangimento ao movimento libertário, podendo o governo apresentá-lo como fruto da ação de indivíduos extremamente perigosos à paz social na jovem República, "deslocados" da realidade brasileira, onde segundo o discurso oficial não há conflitos de classes, mas sim uma completa integração social.

Portanto, tanto o pensamento político anarquista quanto os trabalhadores adeptos deste pensamento são concebidos como "exóticos", isto em virtude de sua "origem" estrangeira. Além disso, ambos são "exóticos" na medida que estranhos ao contexto

²² Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 28-07-1917 apud MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 62.

²³ O Paiz, Rio de Janeiro, 01-05-1906 apud MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.60.

nacional. O "exótico" aqui ganha uma dimensão específica, como aquilo que não se aplica, que não é apropriado à sociedade brasileira, pois esta é representada pelas elites dominantes como uma sociedade onde reina a mais completa "paz social", visto que aqui há trabalho para todos, em decorrência das dimensões continentais e do notável progresso destinado à nação emergente.

2. O ANARQUISMO E A HISTORIOGRAFIA

A tese de que o anarquismo não consegue se afirmar enquanto um movimento social e político que marca a fundação do primeiro sindicalismo brasileiro, assim como não consegue conquistar milhares de adeptos e tão pouco contribui para que as questões sociais sejam tratadas como uma problemática advinda das mazelas da sociedade republicana, é defendida, grosso modo, pela historiografia que trabalha com o movimento operário e/ou anarquista a partir da última década do século XIX ao final dos anos 20.

Boris Fausto em seu importante trabalho sobre a história do movimento operário brasileiro, do século XIX à 1920, nos apresenta muita riqueza de dados, mas efetua sua análise vinculando as manifestações sociais às influências de elementos externos à realidade nacional, neste caso os anarquistas estrangeiros.

Para construir a sua análise Boris Fausto escreve:

"O pensamento reacionário forjou a imagem da 'planta exótica' para rotular as correntes revolucionárias que deitaram raízes na sociedade brasileira. Planta exótica as 'idéias francesas' dos liberais do século XVIII, o anarquismo de cem anos depois, o socialismo inspirado na III Internacional, a partir da década de vinte. Mantendo a

imagem, convém lembrar que as espécies ideológicas dos países dependentes, qualquer que seja a sua classificação germinaram sempre com o auxílio das sementes importadas. No caso do anarquismo, o papel da importação foi considerável: através dos imigrantes, chegaram ao país não só os intelectuais portadores da ideologia como massas de trabalhadores pelo menos em algum grau tocados por ela."²⁴

Acredito que essa reflexão procede no que diz respeito ao fato das classes dominantes sempre atribuírem a pecha de "idéias fora do lugar" às correntes de pensamento que propõem reformas e mudanças na sociedade, ameaçando com isso os seus privilégios. Mas, no que diz à manutenção da imagem "exótica", significa reproduzir uma ideologia que tem uma função clara de perpetuar as desigualdades sociais, jogando sempre para fora da sociedade²⁵ aqueles que pensam e agem de formas diferentes dos paradigmas de comportamentos vigentes, criando assim a figura do inimigo, que é excluído de qualquer participação política já que não está alinhado com a ideologia dominante.

O pensamento anarquista, ou melhor, as idéias de forma geral tem pátria? As idéias nascem em um determinado tempo e num espaço geográfico, mas elas não pertencem somente àquele tempo ou àquela região, visto que com a reprodução/circulação internacional do capitalismo as idéias também circulam por todo o mundo transcendendo o momento do seu nascimento, bem como as suas fronteiras geográficas.

²⁴ FAUSTO, Boris, *Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)*. São Paulo: Difel, 1976. p. 62-63.

²⁵ CLAUDE, Lefort. *A Invenção Democrática: os limites do totalitarismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p.102

Boris Fausto conclui a sua obra construindo a noção da "fraqueza", da "intermitência", da "seqüência de derrotas" e da "debilidade do movimento operário de quadros escassos".²⁶

*"A história do movimento operário nos anos de 1890-1920 -- escreve Boris Fausto -- é uma sucessão de derrotas não tanto pela ocorrência de uma sistemática negação a quaisquer concessões à cidadania social, mas pelo fato de que tais concessões, conquistadas através dos movimentos coletivos, não encontram um campo normativo de institucionalidade. (...) Negar-se a exercer pressão sobre ele (Estado), nos longos combates pela cidadania social, negar-se a forçar a adoção normativa das conquistas significava condenar embates e conquistas, mais cedo ou mais tarde, a um doloroso fracasso."*²⁷

As afirmações acima denotam que o autor considera como vitória apenas as conquistas econômicas traduzida em leis; mas como aponta Christina Lopreato:

*"Na avaliação dos libertários, as conquistas morais são mais significativas do que os ganhos econômicos. A greve tem um valor educativo, de formação de uma consciência de classe autônoma, através da experiência de luta. A disposição do operariado de fazer greve em defesa dos seus próprios interesses significa colocar em prática o princípio de ação direta. Sinaliza o despertar da vontade operária de indiferença para com os princípios de liberdade e de justiça."*²⁸

A análise elaborada por Boris Fausto atribui ao movimento operário e/ou anarquista um caráter de malogro, apontando como causa deste suposto "fracasso" a

²⁶ FAUSTO, Boris, *Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)*. São Paulo: Difel, 1976. p.245.

²⁷ Ibidem. p.245-247.

²⁸ LOPREATO, Christina S. R.. *O Espírito da Revolta: a greve geral anarquista de 1917*. (Tese de Doutorado), UNICAMP, 1996. p. 13.

falta de um projeto político-partidário, isto é, a organização de um partido operário como forma de garantir institucionalmente as conquistas advindas por exemplo, dos resultados de uma greve; mantendo assim, um diálogo com o Estado. Essa interpretação desconsidera um dos princípios fundantes do pensamento político anarquista que é sua total aversão tanto ao partido político quanto à negociação com o Estado, às ações sociais ou políticas arbitradas. Portanto, enveredar por tais caminhos significa negar um princípio inerente ao pensamento libertário, minimizando o fato que o anarquismo representa uma outra *forma política*, com pensamento e práticas específicas.

Deste modo, pode-se então, compreender a negação dos anarquistas às atividades parlamentares, expressa na carta de Edgard Leuenroth em resposta à proposta de sua candidatura a deputado nas eleições de março de 1918.

*"Como libertário, escreve Edgard Leuenroth - não aceito a ação parlamentar, que implica na delegação de poderes, o que constitui séria divergência doutrinária com o anarquismo. É em obediência a este sábio critério que os libertários, arrostando dificuldades sem conta, lutam incessantemente no sentido de conseguir que cada elemento do povo, libertando-se da mentalidade messiânica imperante, tornando-se senhor de si mesmo, constitua uma unidade ativa na vida social, agindo em causa própria no patrocínio dos interesses que, sendo seus, estão em harmonia com os da coletividade. (...) A experiência é a grande mestra, e esta nos ensina que o Parlamento, instituição essencialmente burguesa, nunca agiu e jamais poderá agir em detrimento da vigente ordem de coisas, o que corresponde a nada fazer em proveito do povo e da causa pública."*²⁹

²⁹ LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo – Roteiro da Libertação Social*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963. p.54-56.

Essas considerações de Edgard Leuenroth expressam a especificidade do pensamento anarquista adepto da livre determinação dos indivíduos. Portanto, não admitem que terceiros intercedam, arbitrem os conflitos, mas, o contrário, cada indivíduo deve fazer valer a sua autonomia, conquistar e exercer os seus direitos. Além disso, fica claro que os anarquistas não depositam a menor confiança nas instituições liberais que regem a sociedade republicana, visto que para os mesmos estas instituições existem exclusivamente para favorecer os interesses da burguesia.

Outro fator apontado pela historiografia operária brasileira como complicador, justificando o “insucesso do movimento libertário, é a intermitência das organizações de resistência. No entanto, a pesquisa sobre o movimento operário e/ou anarquista aponta para a necessidade de uma nova problematização dessa questão. Por um lado, essa “intermitência” deve-se ao fato das mesmas serem constantemente vítimas da repressão policial. Diante de qualquer sinal de questionamento da ordem vigente, o Estado não hesita em reprimi-las com mais ou menos violência: fechando as sedes das organizações, impedindo a publicação de seus jornais e prendendo os seus militantes mais “expressivos”. Por outro lado, podemos atribuir essa descontinuidade à própria dinâmica do movimento libertário, que não se pretende linear; pelo contrário, adepto da ação direta recusa a noção e prática das organizações artificialmente mantidas, aquelas que apenas existem no papel ou pela atividade de uma burocracia qualquer³⁰.

A respeito das críticas à (des)continuidade das organizações libertárias Edgard Leuenroth escreve:

"Se devêssemos tomar como teste da existência do anarquismo, apenas os partidos ou organizações com bases nacionalistas ou místicas, que agrupam multidões

³⁰ SEIXAS, Jacy Alves. *Mémoire et oubli. Anarchisme et syndicalisme révolutionnaire au Brésil: mythe et histoire*. Paris: Maison des sciences de l'homme, 1992.

*amorfas, cadastradas em colossais fichários e movimentadas em rumorosas manifestações ou aparatosos desfiles de criaturas vazias de qualquer conteúdo ideológico, gritando em favor de quem no momento mais promessas faz, (...) a existência do anarquismo não seria constatada. Porque o anarquismo tem expressão num movimento constituído de unidades autônomas e ativas, que a ele se ligam sem perda de personalidade por deliberação voluntária e consciente, e não de indivíduos ainda sem consciência social bem formada, arregimentados sob disciplina autoritária, obedientes às palavras de ordem de elementos de cúpula, para serem executadas automaticamente, sem possibilidades de nenhum exame ou divergência.*³¹

As observações de Edgard Leuenroth são um indício de que o pensamento anarquista possui uma ética e uma conduta política que lhe é própria. Nesse sentido, entendo que para uma melhor compreensão do anarquismo, faz-se necessário analisá-lo também à luz da sua filosofia política, ou seja, dentro daquilo que se propõe a fazer, e não a partir das nossas expectativas particulares ou de pressupostos de outras correntes socialistas, particularmente o marxismo.

Outro historiador que representa o anarquismo como um movimento “importado”, é Edgard Carone, que na introdução da antologia sobre o movimento operário brasileiro escreve:

"O fator qualidade (do movimento operário) deve-se prioritariamente à imigração, ao estrangeiro que vem trabalhar como assalariado rural e urbano - e que traz da Europa a sua experiência de luta e de organização, de pensamento e de reivindicação. Se quisermos uma metáfora, podemos dizer que o movimento operário

³¹ LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo – Roteiro da Libertação Social*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963. p. 92.

*vem ao Brasil "empacotado"; nada é original, nada é sui-generis. formas de organização e teoria, tudo, tudo, nos vem como herança de fora."*³²

Explicar a propagação das idéias sociais e políticas (pensamento anarquista) no Brasil somente pela presença do militante estrangeiro pode significar a perda de uma compreensão mais ampla e crítica a respeito deste tema. Pois, muitos dos imigrantes europeus que supostamente têm experiência de organização e luta em sua terra natal, se engajam nas manifestações sociais no Brasil, porque os mesmos deparam-se com uma situação totalmente adversa à sua emancipação social. Outros aderem, por sua vez, em decorrência das dificuldades de conseguir trabalho, pela impossibilidade de suprir as suas necessidades básicas ou mesmo por se identificarem com a filosofia anarquista. Portanto, denunciam e combatem as injustiças sociais, a partir das suas experiências no interior da sociedade brasileira. Além disso, como já foi mencionado anteriormente, muitos daqueles que ingressam nas fileiras do anarquismo nascem no Brasil ou chegam aqui ainda crianças, formando assim, suas concepções de mundo, com base no contexto nacional.³³

3. O ANARQUISMO SOB A ÓTICA DOS ANARQUISTAS

³² CARONE, Edgar. *O Movimento Operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979. p.05.

³³ A tese de que a maioria dos anarquistas que atuam nos movimentos sociais no início deste século se "fazem" anarquistas a partir da sua experiência na sociedade brasileira, pode ser aventada sobretudo, pelas informações oferecidas pelo banco de dados do "Dicionário Histórico-Biográfico do (s) Anarquismo(s) no Brasil": os dados biográficos até agora armazenados revelam que muitos dos militantes anarquistas chegaram ao Brasil ainda na minoridade.

É importante frisar que a representação do anarquismo enquanto "planta exótica" (no período que se estende do final do século XIX até os anos de 1920) não se circunscreve apenas às classes dominantes, visto que em algumas situações os próprios militantes concebem o pensamento político libertário como sendo inadequado à realidade brasileira. Mas, gostaria de deixar claro que a apropriação³⁴ do anarquismo como "planta exótica" ocorre de uma forma entre os militantes anarquistas e de outra entre as elites dominantes, que preconizam a inadaptabilidade das idéias anarquistas no Brasil, por entenderem sobretudo serem estas uma ameaça à "ordem social" vigente.

Já os anarquistas, por sua vez, ao contrário das classes dominantes, almejam a transformação da sociedade, portanto, a crítica reiterada à "apatia" do movimento operário e/ou anarquista tem o intuito de despertar o proletariado para a luta e fazer as idéias libertárias triunfar em solo brasileiro. A partir de uma análise interna deste movimento, podemos compreender melhor porque "*o proletariado é, nesses anos, visto como apático (e se reconhece nessa imagem!) porque o que se quer, o que dele se espera, é fundamentalmente que ele rompa essa apatia.*"³⁵

Todo o teor de negatividade contido na representação do proletariado brasileiro por parte do proletariado militante está vinculado a uma "busca de identidade"³⁶ deste proletariado heterogêneo, composto de indivíduos de diferentes nacionalidades e horizontes culturais diversos, que se vêem impedidos de conquistar um lugar ao sol, num país que despreza os trabalhadores, tratando-os sob formas que ainda conservam resquícios do regime de escravidão.

³⁴ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. p.58

³⁵ SEIXAS, Jacy Alves de. "*O Esquecimento do Anarquismo no Brasil: a problemática da (re)construção da identidade operária*". *Revista História & Perspectivas*, Uberlândia, nº11, p.217, Jul./Dez. 1994.

³⁶ Ibidem. p.214.

A busca de uma identidade que possa ser comum a personagens tão diferentes, pode se justificar pela necessidade de encontrar algo que os unam e os fortaleçam, no intuito de alcançar a sua libertação.

Entretanto, a representação que o proletariado militante faz da jovem classe operária em formação é também negativa, isto é, primeiramente o proletariado é representado como *“ignorante(na última década do século, até 1903), depois apático e, à partir dos anos vinte, como fraco.”*³⁷

A representação que o proletariado faz de si, ou melhor, que proletariado militante faz das camadas populares pode ser percebida num artigo de Elysio de Carvalho, que se reivindica militante anarquista, publicado no jornal A Greve, do Rio de Janeiro, em 1903.

*“O operariado atualmente, em qualquer parte do mundo civilizado, constitui uma força poderosa, um organismo vivo e ativo, simplesmente porque tem consciência perfeita do seu grande papel: no Brasil, porém, este fato é desgraçadamente uma exceção.”*³⁸

Nota-se na fala de Elysio de Carvalho a menção ao proletariado europeu como um paradigma de consciência e organização, que o proletariado nacional deverá seguir. Elysio Carvalho continua a sua análise dizendo que:

“...o operariado no Brasil, por múltiplas circunstâncias, jaz numa completa ignorância e numa incoerência completa consigo mesmo (...). Ele não sabe qual é o seu papel diante do mundo burguês que o escraviza, o explora, o envenena, o mata. Ele julga até que a sua escravidão é uma instituição legitimada pelas leis da vida. Ele não sabe pensar, nem querer, nem agir. O operariado no Brasil vegeta em miseráveis

³⁷ Ibidem. p.215.

³⁸ A Greve, Rio de Janeiro, nº 02, 15/05/1903.

condições de vida moral e de vida material. (...). Só parece, na verdade, que o operariado entre nós vive sob as leis da inércia."³⁹

Essa imagem negativa, como aponta a professora Jacy Alves de Seixas, possui no campo do imaginário o seu contraponto, o seu "duplo", isto é, a necessidade que o operariado rompa a "apatia" e "desperte" para a ação direta⁴⁰. Encontramos esse "duplo" da imagem negativa da "apatia" por exemplo, num comentário do jornal A Terra Livre, a respeito da greve na Companhia Ferroviária Paulista, em 1906:

*"Não estamos descontentes com o progresso das nossas idéias, que é relativamente importante, mesmo entre o elemento nacional; e a greve geral recente, (...) teve êxito inesperado em São Paulo, assinalando um belo despertar do movimento operário."*⁴¹

Pode-se atribuir a imagem negativa do proletariado no Brasil ao longo dos anos de 1890-1930, ao anseio do proletariado em superar os entraves à sua organização, visto que os apontamentos sobre a sua "apatia" visam incitá-lo a se engajar nas lutas contra os mecanismos de controle e exploração da sociedade burguesa.

Neste sentido, *"do ponto de vista histórico, é pertinente considerar que as representações e imagens a cerca do proletariado são negativas porque traduzem uma expectativa de conduta social e política que se quer universalizar, e que se manifesta apenas em momentos e circunstâncias especiais."*⁴²

³⁹ Ibidem.

⁴⁰ SEIXAS, Jacy Alves de. "O Esquecimento do Anarquismo no Brasil: a problemática da (re)construção da identidade operária". Revista História & Perspectivas, Uberlândia, n° 11, p.218, Jul./Dez. 1994.

⁴¹ A Terra Livre, São Paulo, n° 12, 13/07/1906.

⁴² SEIXAS, op. cit. p. 214.

Essa imagem negativa, formada a respeito do proletariado no Brasil, faz com que se crie a noção de que a filosofia política anarquista é estranha ao cenário brasileiro, em virtude do proletariado ainda permanecer “disperso”, “flutuante”, “ignorante” e “apático”. Essa representação negativa do proletariado não é apenas um mero artifício ideológico, ela é formada com base na análise concreta da conjuntura nacional, haja visto que as dificuldades que emperram o desenvolvimento das lutas sociais no Brasil, são palpáveis.

Nesse sentido, o jornal anarquista de São Paulo, A Terra Livre, diz que:

*“É a miséria embrutecedora e humilhante que mais estorva a nossa propaganda, que em toda a parte penetra primeiro e mais profundamente na parte mais sã, mais instruída e mais independente do operariado. Os maiores obstáculos, no Brasil, estão no grande atraso industrial, no feudalismo agrícola, na falta de tradição revolucionária, na desagregação de elementos heterogêneos, na flutuação constante da população operaria extremamente oscilante, no embate dos prejuízos patrióticos, no pequeno desenvolvimento intelectual, e em outras causas derivadas ou concomitantes.”*⁴³

Quase todas as dificuldades levantadas como entraves para o progresso das idéias libertárias no Brasil são similares aos empecilhos apresentados pelas elites dominantes para explicar a falta de nexos da doutrina anarquista com a situação política, econômica, cultural e social da sociedade brasileira.

Tal similaridade nos leva a crer que a imagem da “planta exótica” imputada ao pensamento e/ou movimento anarquista não é simplesmente uma criação ideológica das classes dominantes, com o objetivo de justificar a repressão aos militantes anarquistas e ao movimento sindical. Mas está circunscrito ao âmbito do imaginário social da

⁴³ A Terra Livre, São Paulo, n.º 12, 13/07/1906.

Primeira República. Isso ocorre porque a representação do anarquismo enquanto “planta exótica” perpassa todo o horizonte social, ou seja, está presente tanto nos discursos das classes dominantes quanto nas falas dos próprios militantes anarquistas. Nesse sentido, o artigo intitulado “movimento anarquista no Brasil”, de Neno Vasco, importante militante anarquista-sindicalista, nascido em Portugal e que esteve no Brasil de 1901 a 1911, constitui-se num exemplo significativo:

“A propaganda anarquista - escreve Neno Vasco - (...) encontra no Brasil obstáculos mais numerosos do que nos países de população fixa, indústria desenvolvida, opinião pública formada e tradições revolucionárias. A população brasileira tem ainda como predominantes os elementos incultos, provenientes do trabalho agrícola, de caráter colonial, com ressaibos de escravidão recente (...); somado à estranheza do novo ambiente (por parte dos imigrantes), à incerteza causada na vida pela instabilidade da situação econômica e do lugar de residência, às diferenças de línguas e às influências do clima, não favorece naturalmente a propaganda e ação de qualquer doutrina social.”⁴⁴

Percebe-se nas palavras de Neno Vasco – figura expressiva do proletariado militante - um certo pessimismo em relação à difusão das idéias libertárias no Brasil, em virtude da indústria ainda ser pouco desenvolvida, da população brasileira conservar resquícios do regime de escravidão e da “estranheza” que a nova terra provoca no imigrante. Desta forma, vê-se como os militantes anarquistas em certos momentos também se apropriam e recriam o anarquismo no Brasil como “planta exótica”.

Nesse sentido, faz-se necessário ressaltar que o “exotismo” legado ao anarquismo, vai além da representação intelectual, projetando-se na dimensão do imaginário, na

⁴⁴VASCO, Neno. O movimento Anarquista no Brasil. Revista A Sementeira, Lisboa, nº33, p.01, maio de 1911.

medida em que tanto das classes dominantes quanto os militantes anarquistas e mesmo a historiografia agem motivados por essa imagem "exótica" do anarquismo. Essa ação pode ser percebida no caso das classes dominantes, quando por exemplo, ocorre uma greve e a imprensa burguesa estampa em seus jornais que está greve é obra exclusiva de uns poucos anarquistas estrangeiros; e a partir desta constatação desencadeia-se a perseguição aos anarquistas estrangeiros. No caso dos anarquistas, a imagem da "apatia" leva-os a conceberem a formação de um movimento social forte e autônomo como um empreendimento quase impossível aqui no Brasil, e em contrapartida, se organizam com o intuito de superar essa "apatia" por meio da "ação". No que se refere à historiografia, a idéia de que a redenção do proletariado se realizaria com o triunfo do marxismo pode ser considerado como um dos motivos que a levou representar o anarquismo como uma "idéia fora do lugar".

- CAPÍTULO II -

DESCONSTRUINDO O ANARQUISMO COMO "PLANTA EXÓTICA"

Ao questionar a representação do anarquismo como "planta exótica" não pretendo, obviamente, cair no extremo de minimizar a contribuição dos imigrantes para a construção do movimento operário e/ou anarquista no Brasil, visto que a efetiva presença dos mesmos na formação das classes operárias e nas lutas sociais é inegável. Nesse sentido, não pretendo fechar a discussão, objetivo sim questionar esta representação fortemente presente no imaginário social da época, bem como em parcela significativa da historiografia brasileira.

A imagem do anarquismo como "planta exótica" e, de formas diversas, estrangeiro à realidade nacional constitui peça fundamental do imaginário porque perpassa diferentes seguimentos sociais, isto é, trata-se de uma representação compartilhada por diferentes atores sociais, sendo "aquilo que é comum"⁴⁵ ao político, ao patrão, ao jornalista e ao próprio militante.

O que se pretende discutir aqui não é a oposição de um movimento composto apenas por estrangeiros a um outro movimento formado apenas por militantes brasileiros, tendo em vista que a questão principal aqui não é opor o militante "nacional" ao "estrangeiro", mas, ao contrário, pretende-se relativizar os conceitos de "estrangeiro" e "nacional", ainda mais se tratando de movimento anarquista, que preconiza o internacionalismo da luta pela emancipação social. Portanto, a distinção entre "estrangeiro" e "nacional" para os militantes anarquistas não tem muita relevância, visto que está em jogo para eles é a luta dos oprimidos em âmbito internacional contra o sistema capitalista.

⁴⁵ LE GOFF, Jacques. *As Mentalidades: uma história ambígua*. Revista História: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p.68-83.

relevância, visto que está em jogo para eles é a luta dos oprimidos em âmbito internacional contra o sistema capitalista.

Desta forma, ao questionar a representação do anarquismo como uma ideologia “estranha”, “inadequada” ao contexto brasileiro, não tenho como objetivo virar pelo avesso a interpretação historiograficamente dominante e privilegiar o militante brasileiro em detrimento do militante estrangeiro, mas compreender como ambos, apesar de todas as diferenças e dificuldades, conseguem de acordo com as suas possibilidades se organizar autonomamente e resistir ao domínio das classes dominantes.

1. OS ANARQUISTAS SÃO “BRASILEIROS”?

Não. Os anarquistas não são “brasileiros”, como também não são “italianos”, “portugueses”, “espanhóis” ..., visto que os anarquistas dizem não terem pátria, mas o contrário, se auto-proclamam cidadãos do mundo. Nesse sentido, a fragmentação “artificial” do mundo em territórios “autônomos” e “independentes” é para os libertários um artifício criado pela burguesia para facilitar a exploração dos trabalhadores, como demonstra trechos de um artigo protestando contra a lei de expulsão de estrangeiros de 1907:

*"Devemos (...) assistir impassíveis sem um protesto contra os tiranos de cima que nos querem privar do concurso de companheiros nossos, só porque **nasceram além de uns riscos convencionais, traçados com o sangue de milhares e milhares de vítimas***

desta madrastra organização, traços que eles dizem representar os confins sagrados da pátria, e nos quais nós não vemos senão o marco da espoliação, do assassinato ...”⁴⁶

A respeito das acusações formuladas pelas classes dominantes de que os anarquistas não passam de estrangeiros conturbadores da “ordem pública”, portanto, têm que ser expulsos do território nacional, os anarquistas em certas situações respondem da seguinte maneira:

“ ‘Quem não estiver satisfeito que vá buscar melhor sorte em sua pátria’, dizem-nos; mas nós respondemos que a nossa pátria é o mundo, os nossos compatriotas são hoje os operários em geral e que os estrangeiros são, para nós, todos os capitalistas. O mundo é o grande laboratório das nossas energias, e portanto, onde quer que estejamos, estamos em nossa pátria e temos o dever – ou a necessidade – de lutar pela nossa emancipação.”⁴⁷

A alegação de que não podem ser considerados estrangeiros no Brasil ou em qualquer outro lugar pelo fato de não adotarem nenhum país como pátria (os anarquistas recusavam-se a se naturalizar) e "sim o mundo", podendo então, declarar “guerra” ao regime capitalista e a todas as instituições que o sustentam onde quer que estejam vivendo: essa é uma das formas de reação dos anarquistas às acusações de que são vítimas, como, por exemplo, a de “conspiradores estrangeiros”.

Uma outra maneira de se defenderem das “acusações injuriosas”, apesar de constituir-se num paradoxo, para quem declara não ter pátria, é a argumentação de que são “brasileiros”, não por nascimento mas por formação, já que muitos residem há vários anos no Brasil ou estão no Novo Mundo desde a tenra idade, acompanhando os seus pais, como é o caso de José Romero, militante anarquista que chega ao Brasil em

⁴⁶ A Terra Livre, São Paulo, 05/02/1907 Apud CARONE, Edgar. *O Movimento Operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979. p. 119. Grifos meus.

⁴⁷ O Congresso, Rio de Janeiro, nº49, 16/02/1907.

1890 e é expulso do país em 1919, na onda de expulsões desencadeada pelo governo brasileiro ao longo da Primeira República, tendo se intensificado nos anos de 1917-1919. Segundo José Oiticica, em artigo publicado no jornal Spartacus⁴⁸, do Rio de Janeiro, *"constitui uma infâmia a expulsão de Romero que vive a vinte e nove anos no Brasil; tem filhos brasileiros (...) e durante essa permanência longa tem constantemente (...) contribuído com o seu esforço para o trabalho brasileiro."*

Uma questão que pode parecer paradoxal refere-se ao fato dos anarquistas se declararem "brasileiros", já que eles se autoproclamam cidadãos do mundo. Mas o paradoxo somente se confirma se analisarmos tal conduta fora do contexto de resistência à perseguição promovida pelo governo, via legislação - como as leis de expulsão, por exemplo; ou mesmo a campanha xenófoba desencadeada pela imprensa burguesa, como exemplifica o artigo publicado no jornal O Estado de São Paulo, em outubro de 1919:

*"Os anarquistas da espécie dos que promovem a greve não tem pátria; (...) pois os próprios governos dos países, em que mães desventuradas os amamentaram, os expulsam, aos montes, nos porões dos navios, sem destino certo, na esperança de que o exílio os regenere, ou de que justiças estranhas os corrijam, se a fatalidade os não mata, por explosão casual de bombas de dinamite destinadas a crimes estúpidos e infinitamente cruéis."*⁴⁹

A declaração acima expressa bem como os anarquistas são representados pelas classes dominantes, que *"sempre buscam no nacionalismo xenófobo o argumento*

⁴⁸ Spartacus, Rio de Janeiro, nº 02, 11/10/1919.

⁴⁹ O Estado de São Paulo, São Paulo, 26/10/1919.

ideológico para declarar as lideranças operárias ilegítimas, como germes alheios e eternamente infiltrados na (até então) tranquilas águas do trabalhador nacional."⁵⁰

Esse "discurso ideológico" utilizado para desqualificar e excluir o outro (neste caso, os militantes anarquistas), deve ser criticado pois é por meio deste discurso que se articula a perseguição ao anarquismo enquanto pensamento e/ou movimento político. Portanto, é de suma importância que este "discurso ideológico" seja desconstruído, visto que o mesmo é também responsável pela construção desta imagem negativa a respeito do anarquismo no início deste século, imagem que podemos encontrar em boa parte da historiografia que estuda o período da "República Velha".

Nesse sentido, entendo que a questão principal não é se os anarquistas são ou não "brasileiros", pois o proletariado no Brasil no início do século é marcado pelo cosmopolitismo, visto que há trabalhadores de origem italiana, espanhola, alemã, portuguesa, francesa... e brasileira; e além disso, mantém contatos com o proletariado de vários outros países, portanto, estão inseridos na luta internacional contra o regime capitalista. Neste caso, na maioria das vezes é atribuída à distinção de classe uma importância maior do que à diferenciação por nacionalidade. Desta forma, creio que seja mais plausível ressaltar que a filosofia política anarquista cria as suas próprias "brechas" na sociedade republicana e sensibiliza corações e mentes tanto entre o proletariado quanto entre grupos "intelectuais". E a partir daí formular uma outra imagem sobre o anarquismo no Brasil.

⁵⁰ FOOT, Hardman e LEONARD, Victor. História da Indústria e do Trabalho no Brasil, p. 229.

2. UMA ÉPOCA COM “CORES LIBERTÁRIAS”

A leitura que faço das atividades anarquistas no Brasil, durante a primeira República, me leva a crer que o anarquismo enquanto movimento social e político, de certa forma, consegue penetrar no Brasil, vide que os anarquistas atuam no espaço público não apenas por meio da propaganda dos ideais libertários, mas também por meio da organização de um expressivo sindicalismo e associações diversas – ligas de inquilinos, ligas de bairro, grupos de teatro, centros de estudos, escolas racionalistas, etc... , desenvolvendo inúmeras atividades como realização de comícios e greves, esta entendida pelos anarquistas como sendo uma “ginástica revolucionária”, uma pedagogia política cotidiana visando a efetivação da revolução socialista. Criam centros educacionais -- "escolas modernas" -- como forma de prover as classes subalternas de uma "educação integral", racionalista e científica; empenham-se na formação de centros de cultura onde se mesclam entretenimento (teatro, por exemplo) e “politização” dos trabalhadores; dedicam-se à publicação de jornais e panfletos onde são veiculados diversos assuntos que dizem respeito à vida operária: como as denúncias das precárias condições de trabalho e de moradia, dos baixos salários, das arbitrariedades patronais e governamentais, como também são utilizados para difundir as idéias libertárias entre diversos seguimentos da sociedade brasileira.

O conjunto de práticas de cunho libertário (teatro social, literatura anarquista, comícios, passeatas, greves, associações de resistência, grupos anarquistas, congressos para tratar de diversos temas, Escolas Livres, “festa-propaganda”, pic-nic, etc...) pode ser interpretado como um indício significativo que as idéias libertárias conseguem efetivamente tocar os corações de um grande contingente de homens e mulheres de

diversas nacionalidades, ofícios e condições sócio-econômicas, que se tornam militantes e/ou simpatizantes do ideal e práticas anarquistas.

Assim, pode-se dizer que as idéias, os valores, a ética e a moral anarquistas conseguem repercutir para além dos espaços dos sindicatos, das ligas bairro, dos grupos anarquistas... e permeiam o cotidiano das camadas populares e de grupos "intelectuais", influenciando a maneira destes conceberem o mundo e se comportarem diante do mesmo. O engajamento em lutas como o antimilitarismo, anticlericalismo, a preocupação com o papel da mulher na sociedade, a oposição ao casamento, a defesa da liberdade sexual e de uma educação integral calcada no conhecimento científico e racional do mundo denotam traços de uma "cultura anarquista", visto que notamos tanto *"pessoas quanto práticas sociais, que sem se reclamarem anarquistas aderem a algumas de suas facetas"*.⁵¹

Nesse sentido, pode-se atentar para presença efetiva de uma "cultura anarquista" no contexto da Primeira República, visto que o tom político, moral e cultural libertário transcende os limites do movimento operário e perpassa outras dimensões da vida de homens e mulheres, no início deste século.

Os aspectos culturais do movimento operário e/ou anarquista no início deste século, são sistematicamente problematizados por Francisco Foot Hardman, que, por um lado, escreve:

"Nunca houve, mesmo nos momentos iniciais de formação do proletariado, uma cultura 'autenticamente' operária. Essa busca sempre foi produzida pela expectativa de algumas direções do movimento operário (no caso que analisamos, das correntes

⁵¹ SEIXAS, Jacy Alves de. *Mémoire et oubli. Anarchisme et syndicalisme révolutionnaire au Brésil: mythe et histoire*. Paris: Maison des sciences de l'homme, 1992. p.217

anarquistas); ou pelas ilusões de uma pequena burguesia ativista e intelectualizada."⁵²

Acredito que não se pode conceber uma cultura como sendo "autenticamente anarquista" ou "autenticamente burguesa" visto que embora exista conflitos entre ambas as culturas; há também "circularidades"⁵³ entre elas, ou seja, há um "influxo recíproco" de idéias, valores e atitudes entre a "cultura hegemônica" veiculada pelas classes dominantes e a "cultura subalterna" difundida pelas camadas populares. Desta forma, creio que não existe uma cultura genuinamente burguesa, assim como também não existe uma cultura genuinamente anarquista. Mas isso não invalida a existência palpável, dentro de seus limites é claro, de uma "cultura anarquista" que agrega parte significativa do proletariado, assim como agrega alguns setores intelectuais da sociedade brasileira no início deste século.

Por outro lado, recuperando o pensamento de Raymond Williams⁵⁴, "no tocante às relações classes/cultura," Foot Hardman insere a "cultura da classe operária" na "constituição do processo cultural abrangente da totalidade social"⁵⁵.

Desta forma, Foot Hardman preconiza que: *"uma análise mais atenta", da cultura dominante, "poderia revelar, nos interstícios de seus discursos, a presença subterrânea e efetiva de aspirações e concepções próprias da forma de existência social e da posição relativamente diferenciada das classes trabalhadoras. A análise poderia se encaminhar, então, invertendo a ordem habitual que buscava nomear os mecanismos da 'alienação', para o exame desse caráter contraditório dos processos*

⁵² HARDMAN, F. F. *Nem Pátria Nem Patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.67-68

⁵³ GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 21.

⁵⁴ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1969.

⁵⁵ HARDMAN, op. cit. p. 112.

*culturais: desvendar, por exemplo, a maneira pela qual uma literatura dominante – através de diversas mediações – acaba, enfim, por integrar valores, temas e formas de linguagem significativos da atuação real das forças subalternas na vida e nas representações de determinada sociedade. Nesse caso, tenta-se apreender os ‘efeitos pertinentes’ da presença sócio-cultural e política das classes trabalhadoras, não no sentido de uma ‘cultura paralela’, mas na direção das marcas e sinais deixados pela existência coletiva dos grupos subalternos a nível dos processos culturais abrangentes de uma formação social”.*⁵⁶

Ao contrário, entendo que o papel desempenhado pela "cultura anarquista" vai além da “constituição do processo cultural abrangente da totalidade social”, na medida em que criou uma ética, uma ação e uma conduta vinculadas aos princípios libertários, que delineiam não apenas as práticas sociais dos militantes anarquistas mas influenciam também o comportamento e a atitude de um extenso contingente de indivíduos, sem que estes se proclamem anarquistas.⁵⁷

Procurando apreender todo o conjunto de manifestações que envolvem as práticas libertárias, isto é, o “fazer-se”⁵⁸ do movimento anarquista – “um fenômeno histórico”, que emerge das “relações humanas” vigentes no final do século XIX e no início deste século, com indivíduos compartilhando “experiências comuns”, de “derrotas”, “vitórias”, angústias e sonhos no bojo da luta para emancipação social, que passa necessariamente pela transformação da sociedade injusta, opressora e excludente. Esses indivíduos se unindo e “articulando a identidade dos seus interesses entre si, e contra

⁵⁶ Ibidem, p.112.

⁵⁷ SEIXAS, Jacy Alves de. Mémoire et oubli. Anarchisme et syndicalisme révolutionnaire au Brésil: mythe et histoire. Paris: Maison des sciences de l’homme, 1992. p.217

⁵⁸ TOHOMPSON, Edward P. A formação da classe operária inglesa. 2 ed. , São Paulo: Brasiliense, 1987, V.I, p. 09.

outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus."⁵⁹ Com isso, almejam construir uma sociedade que tenha como princípios a solidariedade, a liberdade e a socialização das riquezas. Portanto, o movimento anarquista tem uma formação histórica, ou seja, se "faz" ao longo da história, e não uma mera "ideologia" propagada por "agitadores estrangeiros", que surge da noite para o dia.

Observa-se no movimento anarquista brasileiro múltiplos "perfis" de militantes, que contribuem de diversas formas para a construção desse movimento; alguns iniciando desde a juventude sua militância, já que o trabalho de menores é comum em diversos ramos de atividades; outros, aderem às idéias libertárias em plena maturidade, depois de entrarem em contato com obras escritas por autores anarquistas; assim como outros militantes formam suas concepções libertárias ao sentirem na pele a exploração, a repressão e a humilhação a que os patrões submetem os trabalhadores, ultrapassando os muros das fábricas e permeando a vida como um todo.

Nesse sentido, é importante considerar os ritmos ("ascensos" e "descensos") do movimento social e o fato que, mesmo diante de todos os obstáculos impostos pelo Governo e pelos patrões na tentativa de impedir a livre manifestação, os militantes anarquistas conseguem levar a cabo a luta contra a sociedade burguesa, fazendo ressurgir os seus jornais e as associações de resistência no espaço público com outro nome, em outra sede, ou com outros militantes assumindo os postos de seus companheiros encarcerados, exilados ou expulsos do país. Desta forma, acredita-se que não se justificam as tentativas de imprimir-se ao movimento anarquista um conteúdo negativo, afirmando que o mesmo não logra qualquer conquista e/ou não se penetra na cultura política do período. Pois, como afirma Christina Lopreato:

⁵⁹ Ibidem. P. 10.

*"A semente libertária plantada pelos primeiros militantes estrangeiros germina. A 'planta exótica' do anarquismo floresce em solo paulista e em outras cidades brasileiras e se revela como uma força política ativa, capaz de fazer adeptos e de mobilizar os trabalhadores em movimentos de protesto contra as mazelas da sociedade burguesa."*⁶⁰ Lembremos apenas que o primeiro sindicalismo brasileiro lhe é, em grande medida, tributário.

⁶⁰ LOPREATO, Chistina S. R. . *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. (Tese de Doutorado), UNICAMP, 1996. p. 4-5.

3. CRÍTICA AO ANARQUISMO COMO "PLANTA EXÓTICA"

Como afirmar que aqueles que se envolvem com as questões sociais são apenas os estrangeiros com experiência em lutas sociais em seus respectivos países de origem, se o contato com os jornais anarquistas no início deste século mostra a presença de muitos militantes nascidos em terras brasileiras e de estrangeiros que se formam politicamente aqui no Brasil, envolvidos com as manifestações sociais?

Uma outra questão que vale a pena ser colocada, refere-se à tese de que o anarquismo não consegue estabelecer vínculos significativos com sociedade brasileira, por esta ainda não se constituir numa sociedade capitalista "avançada", aos moldes das sociedades européias. Como, então, justificar todo o aparato repressivo montado para conter irradiação das idéias libertárias no interior das classes populares?

O combate ao movimento anarquista se dá de várias maneiras: pela violência e repressão, através da intervenção da polícia dissolvendo comícios, passeatas e prendendo arbitrariamente militantes anarquistas; pelo constrangimento, isto é, por meio da propaganda ideológica veiculada pelos jornais burgueses que fazem questão de afirmar o caráter de "idéia importada" do anarquismo. E dá-se, sobretudo, pela difusão da imagem do anarquismo como "planta exótica", modo pelo qual as elites dominantes procuram estigmatizar as atitudes e comportamentos que divergem do paradigma de sociedade liberal-burguesa, atirando-os para "fora"⁶¹. Ou seja, quando o proletariado promove uma greve, faz um comício, uma passeata, funda uma associação de resistência, almejando com isso obter melhores salários, melhores condições de trabalho, redução nos preços dos aluguéis, dos alimentos... e também o fortalecimento

⁶¹ LEFORT, Claude. *A Invenção Democrática: os limites da dominação totalitária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.102.

trabalho, redução nos preços dos aluguéis, dos alimentos... e também o fortalecimento enquanto classe, logo essas medidas são taxadas de ações “isoladas” de alguns “estrangeiros anarquistas”, que desconhecem as especificidades da realidade brasileira, onde o anarquismo estaria “deslocado”, “fora do lugar”. Assim, todo o conflito é representado como “estranho” ao contexto nacional, visto que na sociedade republicana não há espaço para o conflito e sim para a consonância de idéias. Nesse sentido, a imagem do anarquismo como “planta exótica” constitui-se num instrumento de significativa importância para excluir aqueles que não se alinham ao pensamento dominante.

A culpa pela "agitação social" no início deste século é atribuída aos estrangeiros, constituindo-se numa maneira de “colocar para fora da sociedade”⁶² aqueles cujo pensamento e a ação divergiam das "verdades" propugnadas pelas classes dominantes. A perseguição aos estrangeiros desencadeada pela propaganda nacionalista procura despertar o patriotismo e mobilizar a "nação" contra os "indesejáveis estrangeiros".

Os anarquistas criticam a discriminação e perseguição aos estrangeiros, argumentando que *"em toda a parte os perturbadores são estrangeiros: na França são os agentes da Alemanha, na Alemanha os franceses; na Itália os austríacos, na Áustria os italianos e no Brasil são os miseráveis estrangeiros que se esquecem de que aqui vêm matar a fome."*⁶³

A acusação de que a "conturbação da ordem pública" é fruto apenas da ação deliberada de "estrangeiros subversivos" tem como um dos seus objetivos escamotear a existência da luta de classes no Brasil - país que segundo o discurso dominante possui

⁶² Ibidem. p. 102.

⁶³ *A Terra Livre*, São Paulo, 05/02/19107 Apud CARONE, Edgar. *O Movimento Operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo/Rio de Janeiro, 1979. p. 117.

terras e riquezas naturais em abundância. Em decorrência da abundância de riquezas, do caráter incipiente da indústria brasileira e da "passividade" do "povo" brasileiro não haveria, deste modo, *"razão de ser os conflitos entre o capital e o trabalho, dizem eles, esquecendo-se de que aqui, como em toda a parte, existe a mesma luta entre as duas classes: a capitalista, que tudo goza e nada produz, e a dos trabalhadores, que tudo produz e nada goza ..."*⁶⁴

Mesmo que a luta de classes no Brasil não tivesse atingido ainda as proporções que tem alcançado na Europa, o cenário das lutas de classes já estava se delineando aqui por estas bandas, com as especificidades brasileiras, é claro. Desta forma, pode-se compreender melhor todo o esforço empreendido pelas classes dominantes na tentativa de dissimular o conflito capital x trabalho.

Uma questão extremamente relevante a ser abordada se refere ao fato de muitos, senão a maior parte, destes militantes chegarem ainda crianças ao Brasil, aqui formando-se politicamente. É o caso, por exemplo, de Florentino de Carvalho, de origem espanhola, que chega menino em solo brasileiro e participa ativamente dos movimentos sociais, portanto, tendo formado suas concepções anarquistas em terras brasileiras. Além disso, por meio da pesquisa desenvolvida no âmbito do "Dicionário Histórico-Biográfico do (s) Anarquismo(s) no Brasil" é possível constatar não poucos brasileiros "natos", ou seja, nascidos no Brasil, que se dedicam ao estudo e à difusão das idéias libertárias: proferindo conferências e palestras, promovendo cursos de formação política para os trabalhadores, publicando jornais, participando de greves e realizando inúmeras outras atividades.

José Oiticica e Edgard Leuenroth são exemplos de militantes anarquistas nascidos no Brasil que cumprem essas prerrogativas. O primeiro, poeta, teatrólogo e filólogo que,

⁶⁴ Ibidem. p. 118, Grifos Meus.

republicano em sua juventude, adere ao anarquismo em plena maturidade, depois de declarar o seu "desencanto" com a República. Colabora nos jornais Germinal, São Paulo, 1913; Spartacus, Rio de Janeiro, 1919-1920. Em 1912, é um dos líderes da "Liga Anticlerical", do Rio de Janeiro. Em 1913, começa efetivamente sua militância no movimento anarquista, participando do movimento insurrecional de 1918, no Rio de Janeiro, organizado pelos anarquistas.

O segundo, é " ...filho de um farmacêutico alemão, emigrado para o Brasil, nasceu em Mogi-Mirim, no Estado de São Paulo. Sua formação escolar termina aos 10 anos, antes de concluir o curso primário. Para ser sucessivamente menino de escritório, balconista e aprendiz de tipógrafo até trabalhar na imprensa como jornalista. Em 1903, participa de um círculo Socialista, em São Paulo, mas em 1904 já se converte ao anarquismo. Ingressa na recém fundada União dos Trabalhadores Gráficos, ali trabalha como bibliotecário e colabora na publicação do jornal O Trabalhador Gráfico. É um dos fundadores da Federação Operária de São Paulo, em 1905, e um dos principais responsáveis pela realização dos três primeiros congressos operários realizados em 1906, 1913 e 1920, no Rio de Janeiro. Participa intensamente da imprensa operária: redator com Neno Vasco, da Terra Livre (1905), diretor da Folha do Povo (1908-1909), reinicia a publicação de A Lanterna (1906-1910), fundador de A Plebe (1917). É um dos organizadores do Comitê de Defesa Proletária durante a greve geral de 1917, em São Paulo."⁶⁵

Um outro exemplo de militante nascido no Brasil e que se torna anarquista já em plena maturidade é o de Eustachio Marinho, que nos conta, em depoimento de 1919, como se tornou anarquista:

⁶⁵ PINHEIRO, Paulo Sérgio, HALL, Michael M. *A Classe Operária no Brasil (1889-1930)*. São Paulo: Alfa Omega, 1979, v.2. p.226

*"As expulsões de operários em São Paulo há anos despertaram-me a curiosidade: qual a razão por que esses homens tão abnegados e honestos (...) passavam esses dissabores em todas as nações civilizadas? Nessa época muito pouco me interessava por questões sociais e ainda menos por questões políticas. Por minha felicidade nunca fui eleitor. Daí por diante comecei a procurar livros de crítica histórica e religiosa. (...) Mais tarde repetiram-se as expulsões de operários anarquistas. Quis saber quem eram os anarquistas. Comprei numa livraria a Dor Universal, de S. Faure. Foi um raio de luz no meu cérebro, a leitura dessa obra e de outras, como a Conquista do Pão, de Kropotkine. (...) Eu já estava quase anarquista também. Ampliando as minhas leituras com estudos de história natural e astronomia, tornei-me então inteiramente anarquista e completamente emancipado, e não mais aceitei sem protesto os deuses no céu e os patrões na terra. E é preciso notar que eu não freqüentava as organizações obreiras e não mantinha relações com camaradas estrangeiros."*⁶⁶

Este exemplo de um brasileiro que se "faz" anarquista, provavelmente, não é um caso isolado, mas pode ser estendido a muitos outros brasileiros que também tornam-se anarquistas depois de lerem obras de autores libertários, se decepcionarem com a sociedade republicana, se motivarem pela vontade de se livrarem da exploração capitalista ou mesmo pelo contato com a "cultura anarquista" difundida pelos jornais libertários, pelos círculos de estudos sociais, pelo teatro social, pelas festas, pelas associações de resistência, pelas ligas de bairro

Ao citar exemplos de anarquistas nascidos no Brasil não pretendo com isso sugerir que o movimento anarquista no Brasil seja articulado maciçamente por militantes brasileiros, visto que o objetivo deste trabalho não é minimizar a participação dos imigrantes nas lutas sociais e supervalorizar a participação do proletariado

⁶⁶ Spartacus, Rio de Janeiro, nº14 01/11/1919.

"brasileiro", como já discutido anteriormente. Objetivo isto sim, questionar, com a presença de militantes nascidos no Brasil, participando ativamente do movimento operário e/ou anarquista, a tese defendida pelas classes dominantes e mesmo por boa parte da historiografia, de que o anarquismo é restrito a "pequenos grupos de agitadores estrangeiros".

Já que se está questionando a representação do anarquismo enquanto uma ideologia que se mantém circunscrita apenas aos imigrantes, faz-se necessário saber como os anarquistas nascidos no Brasil se comportam diante de tal representação. Uma fonte privilegiada para se inteirar sobre esse assunto é o manifesto intitulado "Dos Anarquistas ao Povo do Brasil: Quem somos e o Que Queremos", publicado no jornal Spartacus, do Rio de Janeiro, em 27 de setembro de 1919. O manifesto diz entre outras coisas que:

"É verdade que muitos dos militantes anarquistas, entre nós, são estrangeiros, não nasceram no Brasil. Mas isso nada tem de extraordinário. País essencialmente de imigração, vivendo as suas indústrias principalmente do braço e da inteligência do imigrante, é naturalíssimo que os centros de maior população operária no Brasil contenham forte e predominante percentagem de estrangeiros. E como o anarquismo se propaga e se radica especialmente entre as classes operárias, não é menos naturalíssimo que muitos desses operários sejam anarquistas. (...) Agora, o que é absolutamente falso é que todos os anarquistas, entre nós, sejam estrangeiros. É uma grandíssima mentira, contra a qual protestamos com toda a veemência, nós, que este manifesto laçamos, todos nascidos no Brasil⁶⁷ e orgulhosos das nossas convicções

⁶⁷ Spartacus, Rio de Janeiro, nº09, 27/09/1919.

Lista dos signatários do manifesto "Dos Anarquistas ao Povo do Brasil: Quem somos e o Que Queremos". Adalberto Vianna, barbeiro; Adolfo Busse, marceneiro; Alberto Augusto Nogueira, chauffeur; Alfredo Paschoal, sapateiro; Almiro Motta, tecelão; Alvaro de Barros, gráfico; Alvaro Palmeira, professor;

*libertárias.(...) Estrangeiros em última análise, somos todos e tudo no Brasil. Brasileiros autênticos e puros são exclusivamente os índios que os nossos avós estrangeiros e nós próprios dizíamos e vamos dizendo, no passado e no presente. A nossa língua é estrangeira. Os nossos costumes são estrangeiros. As nossas religiões são estrangeiras. As nossas letras são estrangeiras. As nossas ciências são estrangeiras. As nossas artes são estrangeiras. As nossas indústrias são estrangeiras. A nossa politicalha é estrangeira. A nossa república e a nossa constituição são estrangeiras. Já tivemos um império estrangeiro. Numa palavra: tudo que possuímos em matéria de civilização é absolutamente estrangeiro.*⁶⁸

Este manifesto mostra que o campo de ação dos anarquistas não se restringe apenas ao âmbito das fábricas, isto é, das questões de ordem econômicas, visto que os militantes libertários conseguem travar um embate conceitual e político com as classes dominantes, através das páginas dos jornais, revistas e brochuras de cunho libertário.

Anastacio Gago Filho, pintor; Antonio Canelas Duarte, jornalista; Antonio Teixeira, sapateiro; Arlindo Drumond, estudante; Astrogildo Pereira, jornalista; Atanagildo Pereira, metalúrgico; Benedicto Abreu, alfaiate; Carlos Dias, gráfico; Cruz Junior, empregado no comercio; Dionisio Garcia, ourives; Domingos Passos, Carpinteiro; Elisa de Oliveira, costureira; Eustachio Marinho, metalúrgico; Francisco Alexandre, jornalista; Francisco Cunha, comerciante; Frederico Baptista, metalúrgico; Germano Teixeira Bastos, sapateiro; Isauro Peixoto, empregado do comercio; Jayme de Oliveirra, carpinteiro; Joaquim Barbosa, alfaiate; Joaquim de Castro Ruas, ourives; Joaquim Nascimento Moraes, barbeiro; José Canzio de Souza, gráfico; José Cardoso Soares, barbeiro; José Elias Peregrino da Silva, pintor; José Maria Ventura, pedreiro; José Matta, sapateiro; José Oiticica, professor e jornalista; Luiz de Miranda, sapateiro; Luiz dos Santos Baptista, sapateiro; Luiz Peres, vassoureiro; Manuel Bueno, sapateiro; Manuel Gonçalves de Oliveira, metalúrgico; Manuel Peres, marceneiro; Mario Nelson Belém, empregado do comercio; Minervino de Oliveira, marmorista; Nicolau Jimenez Junior, metalúrgico; Octavio Brandão, farmacêutico; Paschoal Siciliano, sapateiro; Pedro Junior, empregado no comercio; pedro Rangel, gráfico; Pindaro Vianna, gráfico; Quintiliano Ulysses de Carvalho, padeiro; Ramon Garcia, sapateiro; Ramiro Peçanha, sapateiro; Reynaldo Francisco da Silveira, barbeiro; Reynaldo Guimarães, sapateiro; Tiradentes Pessoa, metalúrgico; Ulrich d'Avila, jornalista; Vicente de Miranda Reis, professor; Vicente Rapouno, gráfico; Waldemar Teixeira, marceneiro.

⁶⁸ Ibidem. Grifos Meus.

Como ressalta o manifesto, se "quase tudo no Brasil é estrangeiro" - a indústria, a religião, as artes, as letras ..., e em geral, as mesmas não são rechaçadas pelas elites dominantes, portanto, a perseguição ao pensamento e/ou movimento anarquista não se dá apenas pelo fato de possuírem "raízes" estrangeiras, mas sobretudo, pelo anarquismo preconizar um outro tipo de sociedade, que, por sua vez, diverge do paradigma de sociedade almejado pelas elites brasileiras.

Se, por um lado, as elites econômicas propagam que a mobilização social faz parte de uma conspiração estrangeira contra o Brasil, atribuindo a atividade de contestação da sociedade republicana à ação empreendida apenas por alguns "agitadores estrangeiros". Por outro lado, os militantes anarquistas defendem-se das acusações que lhes são atribuídas (dentre outras, a de subversivos estrangeiros alheios à realidade nacional) argumentando que a grande maioria dos militantes expulsos do país são brasileiros natos, isto é, nascidos em solo brasileiro, ou formados politicamente no Brasil.

Outro, exemplo de militante que se "faz" anarquista em terras brasileira é o de Salvador Alacid, que, ao criticar um discurso do intelectual Sylvio Romero, no qual o mesmo fala de uma imigração de anarquistas expulsos de todas as partes do mundo, que vêm para o Brasil promover "*greves antes de termos as indústrias*",⁶⁹ diz o seguinte:

"Não é facilmente que descobrem que eu não sou brasileiro, e isto explica-se sabendo-se que, tendo 19 anos, estou a 15 no Brasil. Tudo quanto me rodeia é brasileiro: amigos, parentes, e eu mesmo sou brasileiro nos hábitos, nos costumes. Aqui aprendi a ler, a pensar, aqui comecei a odiar a tirania da autoridade, aqui fui republicano, socialista, e finalmente anarquista. Quando vim de fora mal sabia unir

⁶⁹ *A Terra Livre*, São Paulo, nº25, 25/01/1907.

duas palavras. Nas mesmas condições há muitos na propaganda. (...) A semente está lançada e não será com a expulsão (...) que estancareis o progresso das idéias."⁷⁰

Desta forma, acredita-se que o envolvimento dos imigrantes nas questões sociais não está simplesmente vinculado à sua "origem" estrangeira, mas sobretudo às suas experiências a partir da sua inserção na sociedade brasileira, que suscita em um grande número de homens, mulheres e jovens o desejo de transformação social. Transformação que é articulada por meio da "ação direta" – método de luta que privilegia a ação livre e espontânea do indivíduo, preservando assim a sua autonomia, ou seja, se o indivíduo quer conquistar a sua libertação do jugo capitalista por exemplo, esta conquista deverá ser obra da sua própria ação e não de terceiros. Portanto, não se delega poderes a outrem, mesmo porque, consideram os libertários que quem os delega não é livre.

O ataque dos anarquistas às perseguições que lhes são impostas pelas elites dominantes, pode ser evidenciado por um trecho do artigo de Mota Assunção, militante anarquista (e depois socialista), nascido em Portugal, que tentou no artigo que segue abaixo "provar" que era brasileiro:

*"Se eu for obrigado a ter uma nacionalidade, esta só pode ser a brasileira, pois foi aqui que me tornei tudo o que sou agora... eu não sou um estrangeiro. E a prova flagrante disso é que, como para as demais pessoas em minha situação, Portugal, o país em que nasci, foi um verdadeiro inferno quando, por razões de saúde, lá tive que passar seis meses há sete anos atrás. Em Portugal é onde me considero um verdadeiro estrangeiro".*⁷¹

⁷⁰ Ibidem.

⁷¹ MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.61.

As palavras de Mota Assunção descrevem uma situação que pode ser estendida à maioria dos outros imigrantes, que vem para o "Novo Mundo" trazendo consigo o sonho de "fazer a América" e retornar ao seu país de origem com um pecúlio que lhes possibilitem ter uma vida melhor. Mas, chegando aqui, a maioria deles enfrentam diversos obstáculos que os impedem de concretizar os seus sonhos.

Sem possibilidades de retornarem aos seus países de origem, um grande número deles acabam adotando o Brasil como lugar para viverem e trabalharem, e aqui sofrendo a exploração e o domínio da sociedade burguesa, muitos destes imigrantes ingressam nas lutas sociais. É a partir da inserção destes imigrantes na luta contra a manutenção do *estatus quo*, através da criação das ligas de resistência, das ligas de bairro, dos círculos de estudos sociais, das escolas livres, dos jornais anarquistas; da participação em comícios, passeatas, greves, boicotes . . .; que vários imigrantes se formam politicamente e se "fazem" anarquistas.

Por um lado, é importante frisar que os imigrantes quando chegam aqui trazem consigo as suas experiências passadas. Mas isso não quer dizer que todos eles são "militantes profissionais", que vêm ao Brasil com o único objetivo de "fazer a revolução social". Nesse sentido, acredito que a esperança em fugir da miséria que os assola na Europa e conseguir no "Novo Mundo" um trabalho que lhes possibilite fazer fortuna está mais presentes no imaginário dos imigrantes do que o "sonho de fazer a revolução". Isso posto, penso que a maioria dos imigrantes não vem para o Brasil predisposta a travar um embate com as oligarquias brasileiras, visto que se o objetivo primordial fosse o conflito de classes, provavelmente, teriam permanecido na Europa, já que lá a situação também é propícia para tal conflito.

Por outro lado, não se pode negar que no meio desta leva de imigrantes existem indivíduos que aspiram "fazer a revolução social", portanto, estando onde estivessem,

iriam trabalhar para a concretização deste ideal. Mas será que, sem um clima social e político propício para o desenvolvimento das idéias anarquistas, e sem as contribuições dos indivíduos "anônimos", "simples", "obscuros", tanto "estrangeiros" quanto "nacionais", o anarquismo conseguiria dar o tom das lutas sociais no Brasil, de fins do século XIX e início do XX?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre o movimento anarquista no Brasil constitui-se num trabalho instigante, na medida em que me proporciona mergulhar numa época em que a exploração das classes populares é intensa e as dificuldades de organização nítidas, em razão da heterogeneidade do proletariado em formação, que tem a incumbência de "construir a classe operária" no Brasil, ou seja, trata-se este de um "exercício de aprendizagem" inédito, que ocorre face a uma classe dominante que conserva ainda uma conduta escravocrata, lidando com os trabalhadores "livres" como outrora lidava com os escravos. Nesta perspectiva, vê-se que as classes dominantes não aceitam o conflito social, que logo é concebido como se fosse um atentado à "ordem pública" ou à "segurança nacional". Tal conduta nos faz pensar que com a "libertação dos escravos" e a proclamação da República mudaram-se apenas as leis, mas a "mentalidade oligárquica" continua presente nas atitudes das classes dominantes.

Mas, mesmo diante de todas as adversidades, os anarquistas (fossem eles nascidos no Brasil ou no exterior) trilham o seu próprio caminho e vão em busca de organizações autônomas, de liberdade e de felicidade públicas; organizam-se e criam o primeiro sindicalismo no Brasil, ancorado na ética da "ação direta", que diverge, por exemplo, do método de organização dos comunistas. Pode-se dizer, pelo fato do movimento anarquista preconizar a autonomia do indivíduo dentro da organização e desta em relação ao Estado, que muitas vezes ele não é bem compreendido pela historiografia operária, já que ela não o analisa dentro das suas particularidades, mas sim a partir de um referencial teórico-metodológico concebido aprioristicamente, que concebe ora o "Estado como o sujeito da história", ora o "partido revolucionário". Ou seja, uma boa parte da historiografia operária credita ao caráter "impermeável e repressivo do Estado"

o fato de o anarquismo ser a corrente socialista que delineia a formação do proletariado e não a social-democracia. Portanto, o Estado é investido de um poder onipotente, enquanto o papel desempenhado pelo proletariado é minimizado, já que o mesmo não segue as diretrizes do "marxismo revolucionário".

Sendo assim, deve-se refletir sobre esse esforço da historiografia em minimizar a contribuição anarquista na construção da história do movimento operário no início deste século.

Neste sentido, além de um "padrão oligárquico de exclusão política", isto é, a exclusão imposta pelas classes dominantes ao proletariado de qualquer participação política na sociedade republicana, nota-se que há também um *"padrão intelectual de exclusão política"* (que pode ser traduzido pela tentativa da historiografia em relegar o anarquismo a um plano secundário) *que constrói uma história (enquanto memória) feita de cobranças baseadas no que deveria ter sido; portanto, cega à (possível) criatividade e positividade reveladas pela ação e organização dos trabalhadores deste período.*⁷²

Ao sugerir o resgate *"dos becos sem saídas, das causas perdidas e dos próprios perdedores esquecidos, como o tecelão do 'obsoleto' tear manual, o artesão 'utópico'..."*, E. P. Thompson escreve: *"Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógrada. Seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos. Suas aspirações insurrecionais podiam ser temerárias. Mas eles viveram nesses tempos de aguda conturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência..."*⁷³

⁷² SEIXAS, Jacy Alves de. *Pinceladas esquemáticas sobre a construção da memória histórica (história) da "velha classe operária"*. Mimeo. p.03.

⁷³ THOMPSON, Edward P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. v.I. p.13.

Nesse sentido, atento para (re)construção da história do movimento anarquista no Brasil, a partir das especificidades do mesmo, não lhe imputando cobranças ao dizer como deveriam ter agido ou mesmo atribuir a priori um conteúdo negativo a este movimento.

O ANARQUISMO NO IMAGINÁRIO SOCIAL

É interessante notar como a representação do anarquismo como "planta exótica", portanto, enquanto mais uma "idéia fora do lugar" está presente nos discursos das classes dominantes, por vezes nas próprias falas dos militantes anarquistas e em grande parte dos estudos sobre o movimento operário e/ou anarquista no início deste século. Esta imagem "exótica" do anarquismo perpassa o âmbito da representação —como o campo da elaboração intelectual — e permeia a dimensão do imaginário —entendida como aquilo que "vai além" das representações. Uma imagem. As vezes iconográfica, ou mesmo uma imagem mental⁷⁴, que, por sua vez, se expressa em palavras, comportamentos e atitudes, influenciando, assim, na maneira das pessoas agirem diante de uma situação determinada.

Com o intuito de mostrar que a imagem pode levar à ação, Jacques Le Goff diz que *"aquilo que, acima de tudo, impeliu os cristãos do Ocidente à Cruzada foi a imagem de Jerusalém. A história do imaginário - escreve Le Goff - é o aprofundamento dessa história da consciência... . O imaginário alimenta o homem e fá-lo agir. É um fenômeno coletivo, social e histórico. Uma história sem imaginário é um história mutilada e descarnada."*⁷⁵

⁷⁴ LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Estampa, 1994. p.16.

⁷⁵Ibidem p. 16.

Tentar entender a representação da "planta exótica" através do imaginário não constitui uma empresa fácil, visto que demandaria uma reflexão profunda e a longo prazo, tarefas as vezes difíceis de serem executadas no âmbito de um trabalho de final de curso, que contém seus limites e especificidades. Mas, mesmo assim, resolvi enfrentar o desafio e tentar entender o suposto "exotismo" do anarquismo em relação ao contexto histórico brasileiro, para além de uma mera ideologia forjada pelas classes dominantes e de uma certa descrença do "proletariado militante" para com o desenvolvimento do movimento anarquista no Brasil.

A imagem do anarquismo como uma ideologia "deslocada", "estranha" e "incompatível" à realidade brasileira, colada às classes trabalhadoras "imigrantes", faz com que as classes dominantes ajam em função desta imagem, como atesta, por exemplo, as leis de expulsão de estrangeiros - uma medida usada no intuito de se "livrar" o Brasil da agitação social, política e cultural promovida pelos "anarquistas estrangeiros". Visto que se acredita que com as expulsões vaia-se extirpar a "praga do anarquismo" do território nacional. Portanto, essa imagem (iconográfica,⁷⁶ mas sobretudo uma imagem mental) que impele as classes dominantes para a ação contra os "anarquistas estrangeiros", já que estes são figurados como os principais propagadores do anarquismo no Brasil.

Um exemplo de que esta imagem "exótica" do anarquismo leva à ação, pode ser notada nas leis de expulsão de estrangeiros, visto que em 1907 é aprovada a primeira lei de expulsão de estrangeiros, estabelecendo que os indivíduos que conturbassem a ordem pública ou praticassem algum crime seriam expulsos do país, exceto aqueles que residissem a mais de dois anos no Brasil ou que fossem casados com brasileiras, ou se

⁷⁶ Com relação a existência de imagens iconográficas representando o anarquismo como "planta exótica" pode ser que há, mais não as encontrei.

viúvos com filhos brasileiros. Em 1921, foi aprovada a segunda lei de expulsão, com um teor bem mais rígido do que a primeira, já que ampliava a base para expulsão do país, incluindo estrangeiros deportados dos seus países de origem ou considerados "elementos perniciosos à ordem pública" em seus países de origem, bem como aqueles que cometessem algum ato ilícito ou que representassem uma ameaça à "segurança nacional", com menos de cinco anos de residência no Brasil e sem comprovar que nesse período exerceu uma profissão lícita, poderiam ser expulsos pelo Poder Executivo sem a menor restrição do ponto de vista legal.⁷⁷

As expulsões de anarquistas estrangeiros é apenas uma das muitas atitudes tomadas pelas classes dominantes que é legitimada pela imagem "exótica" do anarquismo, que permeia o horizonte mental de diversas classes.

A representação da "planta exótica" apreendida sobre o prisma do imaginário nos faz pensar que o "exotismo" imputado ao anarquismo não é apenas um "capricho" ou uma simples elaboração intelectual das classes dominantes, com intuito de manterem o *status quo*, mas vai além disso, na medida em que as classes dominantes acreditam que impedindo o anarquismo de proliferar no Brasil estão cumprindo o seu dever histórico.

Agora, resta-nos entender como o anarquismo enquanto "planta exótica" (uma "idéia fora do lugar") é articulado no imaginário dos próprios militantes anarquistas.

Os militantes anarquistas, ao declararem a sua descrença no desenvolvimento das idéias libertárias no seio do proletariado no Brasil - criam uma imagem negativa (a "apatia") a respeito do movimento operário e/ou anarquista, passando a agir influenciados por esta imagem. Portanto, a ação é mobilizada a partir desta imagem

⁷⁷ MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 38 e segs.

negativa, mostrando que os anarquistas acreditam realmente que há obstáculos que impedem a difusão plena das idéias libertárias no Brasil.

*"No entanto, - escreve Jacy Seixas - não devemos nos satisfazer com a negatividade explícita que essa imagem carrega e difunde, pois ela não tem função, e o imaginário não se realiza, se não considerarmos o seu 'duplo'. A imagem da apatia não é, pois, desengajada, fortuita ou uma elaboração estritamente intelectual buscando dar conta de uma situação social e/ou política. Ela remete todo o tempo (vincula-se e alimenta-se) ao seu 'duplo', seu inverso e avesso. Ora, a contrapartida simétrica da apatia é a ação - precisamente o valor político mais cultivado pelo movimento operário da época, marcado pelo sindicalismo revolucionário e pelo anarquismo."*⁷⁸

Portanto, essa imagem negativa (a“apatia”) a respeito do “enraizamento” dos princípios libertários entre o proletariado, faz com que os anarquistas se mobilizem para reverter essa imagem negativa no seu *"duplo - a imagem positiva da ação direta"*; sob a qual é construída a "identidade operária da época", através da luta pela conquista da autonomia e da independência do proletariado.

Por fim, gostaria de ressaltar que adentrei recentemente nas discussões teóricas a respeito das noções de imaginário e representação. Portanto, ainda não consegui apreendê-las totalmente, mas pretendo retomá-las de forma mais profunda num artigo que pretendo escrever a partir do presente trabalho.

⁷⁸ SEIXAS, Jacy Alves de. *"O Esquecimento do Anarquismo no Brasil: a problemática da (re)construção da identidade operária"*. *Rev. História & Perspectiva*. Uberlândia, nº11, p.217, Jul./Dez. 1994.

JORNAIS CONSULTADOS

Spartacus, Rio de Janeiro, 1919-1920.

A Terra Livre, São Paulo, 1905-1908, 1910.

A Greve, Rio de Janeiro, 1903.

O Paiz, Rio de Janeiro, 1898-1922

O Estado de São Paulo, São Paulo, 1888-1930

Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1889-1930

O Congresso, Rio de Janeiro, 1905-1907

BIBLIOGRAFIA

- CARONE, Edgar. **O Movimento Operário no Brasil (1877-1944)**. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990. Trad. Maria Manuela Galhardo.
- CLAUDE, Lefort. **A Invenção Democrática: os limites do totalitarismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Trad. Denise Bottmann.
- DULLES, John W.F. **Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. Trad. César Parreiras Horta.
- FAUSTO, Boris. **Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)**. São Paulo: Difel, 1976.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2 ed. rev. aum., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. "As Idéias Estão no Lugar". Cadernos de Debate, nº01, São Paulo: Brasiliense, 1976
- GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. Trad. Maria Betania Amoroso.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Nem Pátria Nem Patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____ e LEONARDI, Victor. **História da Indústria e do Trabalho no Brasil**. (Das origens aos anos 20). São Paulo: Global, 1982.
- KHOURY, Yara Aun. "Edgard Leuenroth: uma Vida e um Arquivo Libertários". Revista Brasileira de História, São Paulo, Ed.Unijuí/ANPUH, vol.17, nº33, p.112-149, 1977.
- LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Estampa, 1994. Trad. Manuel Ruas.
- _____. "As Mentalidades: uma história ambígua". Revista História: novos objetos. Trad. Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p.68-83, 1976.
- LEUENROTH, Edgard. **Anarquismo – Roteiro da Libertação Social**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.
- LOPREATO, Christina da Silva Roquette **O Espírito da Revolta: a greve geral anarquista de 1917**. (Tese de Doutorado), UNICAMP, 1996.

- MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro. (1890-1920).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MUNAKATA, Kazumi. **A Legislação Trabalhista no Brasil.** 2 ed., São Paulo: Brasiliense, 1984.
- NORA, Pierre. "Entre memória e história: a problemática dos lugares", prefácio do V.I de *Les Lieux de Mémoire*. Projeto História, São Paulo, nº10, dez. 1993. Trad. de Yara Aun Khoury.
- OITICICA, José. **Ação direta.** Rio de Janeiro: Germinál, 1970.
- PARIS, Robert. "Biografia e 'perfil' do movimento operário". Revista Brasileira de História. São Paulo: Ed.Unijui/ANPUH, vol.17, nº33, p.9-31, 1977.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio e HALL, Michael. **A Classe Operária no Brasil, (1889-1930) documentos.** São Paulo: Alfa Omega, 1979, 2 v.
- POLLAK, Michel. "Memória, Esquecimento, Silêncio". Rev. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, nº 3, p.3-15, 1989.
- RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- RODRIGUES, Edgar **Quem Tem Medo do Anarquismo?** Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.
- ROMANI, Carlo. "A Aventura do Anarquismo Segundo Oreste Ristori". Revista Brasileira de História. São Paulo: Ed.Unijui/ANPUH, vol.17, nº33, p.150-166, 1977.
- SALLES, Iraci Galvão. **Trabalho, Progresso e a Sociedade Civilizada: o partido republicano paulista e a política de mão-de-obra (1870-1889).** São Paulo: HUCITEC, 1986.
- SCHWARZ, Roberto. **Ao Vencedor as Batatas.** 4 ed., São Paulo: Duas Cidades, 1992.
- SEIXAS, Jacy Alves de. **Mémoire et oubli. Anarchisme et syndicalisme révolutionnaire au Brésil: mythe et histoire.** Paris: Maison des sciences de l'homme, 1992.
- _____. "De Todas as memórias, a memória: estudos sobre memória histórica". relatório de pesquisa do CNPq, fev. 1998, xerox, 71 p.
- _____. "O Esquecimento do Anarquismo no Brasil: a problemática da (re)construção da identidade operária". Rev. História & Perspectiva. Uberlândia: UFU, nº11, p.213-232, Jul./Dez. 1994.

_____. “Pinceladas esquemáticas sobre a construção da memória histórica (história) da ‘velha classe operária’”. Mimeo.

TOHOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**. 2 ed., São Paulo: Brasiliense, 1987, V.I. Trad. Isabel Marva Loureiro.

VASCO, Neno. “O movimento Anarquista no Brasil”. Revista A Sementeira, Lisboa, nº33, maio de 1911.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade**. São Paulo: Nacional, 1969.